

ANUÁRIO 2015 • 2016

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA
VENDA PROIBIDA

www.cepea.esalq.usp.br/hortifruti



A HORTIFRUTI BRASIL VAI PARA A REDE EM 2016



Premio® e Rumo® WG

para mais hortaliças. Quem usa os dois, ganha uma solução completa*.

A solução mais eficiente para o manejo de rotação de inseticidas agora disponível para mais hortaliças. Proteja sua lavoura do complexo de lagartas de difícil controle preservando os insetos benéficos. Os resultados para sua lavoura são melhores do que você imagina.

**DuPont™
Premio®**
inseticida

**DuPont™
Rumo® WG**
inseticida



Premio® tem registro para as seguintes culturas:

Abóbora - Abobrinha - Algodão - Brócolis - Chuchu - Couve chinesa - Couve-de-bruxelas - Maxixe - Melancia - Milho - Soja - Pepino - Tomate - Repolho - Melão - Batata

***Os produtos devem ser utilizados separadamente, conforme indicações de rótulo e bula.**



ATENÇÃO: Este produto é perigoso à saúde humana, animal e ao meio ambiente. Leia atentamente e siga rigorosamente as instruções contidas no rótulo, na bula e na receita. Utilize sempre os equipamentos de proteção individual. Nunca permita a utilização do produto por menores de idade. CONSULTE SEMPRE UM ENGENHEIRO AGRÔNOMO. VENDA SOB RECEITUÁRIO AGRONÔMICO. Produto de uso agrícola. Faça o Manejo Integrado de Pragas. Descarte corretamente as embalagens e restos do produto.



Rumo® WG tem registro para as seguintes culturas:

Abóbora - Abobrinha - Acelga - Agrião - Alface - Almeirão - Batata -
Berinjela - Brócolis - Chicória - Chuchu - Couve - Couve chinesa -
Couve-de-bruxelas - Couve-flor - Espinafre - Estévia - Jiló - Manga
- Maracujá - Maxixe - Melancia - Melão - Mostarda - Pepino -
Pimenta - Pimentão - Repolho - Rúcula - Tomate - Uva

Para mais informações:

TeleDuPont 
0800 707 55 17 Agrícola
www.dupontagricola.com.br





Renata
Pozelli Sabio



Letícia
Julião



Guilherme
Giordano Paranhos



Mariana
Coutinho Silva



Mariana Santos
Camargo



Marília de Paula
Stranguetti



Ana Luísa
Antonio Pacheco



Marcelo Belchior
Rosendo da Silva



Vanessa
Vizioli



Daiana Braga
Jornalista e editora executiva

CAIA NA REDE COM A HF BRASIL EM 2016!

O ano de 2015 se encerra com muito trabalho e novos projetos. Ampliamos os canais de comunicação que facilitarão a todos o acesso às nossas informações e em tempo real! O **WhatsApp da HF Brasil**, por exemplo, já está disponível. Para conversar com a gente por meio desta ferramenta, adicione o nosso número: (19) 99107-4710.

Outro trabalho que também já foi iniciado são os programas de vídeo com as principais tendências do mercado de HF. Um deles é o *Minuto HF*, com informações gerais sobre o setor, e o outro é o *HF em Vídeo*, baseado nas edições impressas. Algumas edições já estão disponíveis em nosso **Canal no YouTube**. Procure-nos lá! Digite Hortifruti Brasil.

Outro projeto, talvez o mais audacioso, é o novo **site da HF Brasil** (www.hfbrasil.org.br), com previsão de ser lançado em fevereiro de 2016. No site, haverá atualizações diárias, de preços e análises. Estará disponível, ao acesso de qualquer interessado, também nossa série histórica de preços, aberta por região e variedades pesquisadas.

Com esses novos canais, o leitor poderá escolher por qual formato quer acompanhar a Hortifruti Brasil: pelas redes sociais, pelo site, por formato de vídeo, pelo smartphone, além de, claro, das boas e velhas revista impressa e conversa por telefone.

Estamos prontos para realizar muito mais em 2016! Venha conosco! Um ótimo ano-novo para todos!

2016

Com inflação, *food service* fatura, mas pode não lucrar mais

Por Letícia Julião

O brasileiro que não abre mão de comer fora de casa está desembolsando mais pela mesma quantidade de comida que coloca no prato nos restaurantes. De outubro/14 a setembro/15, as refeições fora do lar ficaram 10,22% mais caras, segundo o IBGE. O segmento de *food service* (alimentação fora do lar) deve faturar, em 2015, R\$ 178 bilhões, segundo pesquisa da GS&MD, consultoria especializada em varejo. Esse valor é 13% maior, em termos nominais, que o do ano anterior. A inflação no acumulado de janeiro a outubro somou 8,52%, e as projeções do Banco Central indicam que pode passar de 10% no fechamento do ano. Esses números influenciam os gastos dos restaurantes, ao mesmo tempo em que os reajustes das refeições são computados na inflação. Isso significa que, ainda que o setor bata recorde nominal em faturamento, não está tendo maior rentabilidade ou vendendo mais em quantidade. Segundo pesquisa realizada pela *Hello Research*, 65% de um total de 2.002 pessoas entrevistadas em mais de 70 cidades do Brasil relataram que diminuíram alimentação fora de casa devido à crise econômica.

Estudante de 20 anos tem a fórmula para HF's durarem mais

Por Fernanda Geraldini Palmieri

A elevada perecibilidade dos hortifrutis sempre foi considerada um grande desafio a ser vencido. O estudante Josemar Gonçalves de Oliveira Silva, de apenas 20 anos, do curso de Biologia do Instituto Federal de Brasília, desenvolveu uma fórmula caseira e barata que promete aumentar a durabilidade das frutas e, consequentemente, reduzir o desperdício. A fórmula é composta por fécula de mandioca e óleo essencial de cravo da Índia. Segundo o jovem, as frutas mergulhadas rapidamente na solução ganharam em torno de 10 dias a mais de vida útil, ganho que pode beneficiar o armazenamento tanto em casa quanto nas prateleiras do varejo e durante a exportação.

Mercado de produtos biológicos segue aquecido no BR

Por Fernanda Geraldini Palmieri

Projeções divulgadas pela Associação Brasileira das Empresas de Controle Biológico (ABCBio) indicam que, nos próximos anos, as vendas de defensivos biológicos podem crescer entre 15% e 20% ao ano. Atualmente, este mercado possui 51 empresas detentoras de registros, com 118 produtos comerciais liberados, sendo 20 registrados em 2015. Alguns fatores responsáveis pelo crescimento deste mercado são a maior demanda da sociedade e de órgãos reguladores pela produção de alimentos sem resíduos, a maior resistência das pragas aos defensivos químicos e o avanço tecnológico na área de produtos biológicos – por meio de formulações mais eficientes e com maior vida útil.

A HF Brasil por aí

Seu Didi Tomateiro no Cepea

No dia 11 de novembro, recebemos novamente a visita do seu "Didi Tomateiro", de Monte Mor (SP). Seu Didi antecipou nosso "presente de Natal" e trouxe caixas de tomate para toda a equipe! Muito obrigada pelos tomates e, principalmente, pela visita, seu Didi!



Com corte na verba de subvenção do seguro rural, conta vai para o produtor

Por Larissa Gui Pagliuca

Em 06 de novembro, o Ministério da Agricultura e Pecuária divulgou comunicado a todo o mercado informando diminuição dos recursos para o Programa de Subvenção ao Prêmio do Seguro Rural (PSR), que torna o seguro agrícola mais barato ao produtor. O montante disponibilizado pelo governo para o subsídio foi de apenas 300 milhões, queda de 57% em relação ao de 2014. Com esse corte, cerca de 50 mil produtores que fizeram apólices no segundo semestre receberão em breve um boleto da seguradora cobrando a parte que caberia ao governo pelo programa de subvenção. Se o produtor optar por não pagar esta diferença, terá o seguro cancelado, ficando descoberto em 2016. Nos casos em que o seguro é feito como garantia para obtenção de crédito nos bancos, o pagamento será feito automaticamente pelo banco, mas com o montante, claro, engrossando a conta do produtor. Em 20 de novembro, foi aprovado o Plano Trienal do Seguro Rural (PTSR) para 2016-2018, também com novas regras. No caso da fruticultura, olericultura e café, a subvenção será de 45%, com limite anual de R\$ 72 mil. O produtor pode receber a subvenção para mais de uma cultura, desde que o somatório não ultrapasse R\$ 144 mil. Segundo dados do Ministério, a área de fruticultura assegurada em 2014 foi de 66,2 mil hectares, com a uva correspondendo a 55% do total, seguida pela maçã (29,6%). Em relação às olerícolas, a área assegurada foi de 25,6 mil hectares. A cebola teve participação de 33,2%, o tomate, de 29% e a batata, de 13,8%.

Vegetais e frutas comercializados como *snacks* para crianças propõem hábitos saudáveis

Por Mariana Coutinho Silva

A *Bolthouse Farms*, empresa de suco de cenoura dos Estados Unidos, decidiu estudar o *marketing* por trás dos salgadinhos e refrigerantes, altamente consumidos pelos jovens do país. O objetivo era encontrar alternativas para estimular as crianças a comerem alimentos mais saudáveis. O estudo começou com as minicenouras, que tiveram suas vendas aumentadas entre pessoas que queriam um alimento rápido, consumido com um *snack*. O produto tem algumas características parecidas com as de um famoso salgadinho de milho, como cor, textura e crocância, podendo ser consumido com molhos. Mas, para atrair as crianças, ainda faltava sabor. Então, a empresa desenvolveu sabores para as minicenouras e colocou em embalagens de porções com imagens lúdicas e divertidas. Em setembro, a empresa lançou a campanha "*Eat 'Em like Junk Food*" ("*Coma-os como salgadinhos*", na tradução livre), disponibilizando vegetais, como a minicenoura e frutas, em *vending machines* (semelhantes às máquinas de refrigerantes de auto-atendimento), facilmente encontrados nos Estados Unidos.

Pesquisadora do Cepea participa de evento na Costa Rica

A pesquisadora do Cepea Renata Pozelli Sabio participou entre os dias 11 e 13 de novembro do *XIV Market Information Organization of the Americas*, em San Jose, na Costa Rica. O evento foi organizado pelo Instituto Interamericano para Cooperação na Agricultura (IICA), reunindo representantes dos principais países da América com o objetivo de discutir a importância dos Sistemas de Informação na área de hortifrutis. A pesquisadora apresentou a atual rede de inteligência desenvolvida pela equipe Hortifruti/Cepea e suas contribuições para a hortifruticultura do Brasil.

Pesquisador do Cepea realiza palestra no 6º Seminário de Tomate de Mesa

João Paulo Deleo, pesquisador na área de hortaliças do Cepea, participou do 6º Seminário de Tomate de Mesa realizado nos dias 15 e 16 de novembro, na Universidade Metodista de Piracicaba (Unimep). Em sua apresentação, mostrou os dados de custo de produção de tomate das últimas duas safras.



MBA USP ESALQ

O FUTURO É HOJE, FAÇA PARTE

O MBA USP/Esalq é o único a oferecer aulas, material de apoio e provas online, além da interação com o professor em tempo real, também na plataforma virtual.

- Marketing;
- Agronegócios;
- Gestão Escolar;
- Gestão de Projetos;
- Gestão de Negócios;
- Controladoria e Finanças;
- Gestão Tributária nas Empresas;
- Gestão em Cooperativas de Crédito.

INSCREVA-SE:

WWW.PECEGE.ORG.BR

(19) 3377.0937 / 3375.4251

(19) 99948.4769

MBAUSPESALQ



Peccege

ÍNDICE

ANUÁRIO



As principais tendências de mercado do setor HF são detalhadas pelos pesquisadores da Hortifruti Brasil. Confira!

CADERNO DE ESTATÍSTICAS



Confira a série mensal de preços (2014 e 2015) dos 13 produtos-alvo da Hortifruti Brasil! A série de preços de melancia de 2015 está na página 43.

SEÇÕES

TOMATE	18
FOLHOSAS	22
BATATA	24
CEBOLA	29
CENOURA	32
MELÃO	34
CITROS	36
MELANCIA	40
MAMÃO	44
MAÇÃ	46
MANGA	48
BANANA	50
UVA	52

HF BRASIL NA REDE



www.cepea.esalq.usp.br/hfbrasil (Revista em PDF)

www.hfbrasil.org.br (Lançamento: Fevereiro/2016)

19 99107.4710

Hortifruti Brasil

@revistahortifrutibrasil

@hfbrasil

EXPEDIENTE

A Hortifruti Brasil é uma publicação do CEPEA - Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada - ESALQ/USP
ISSN: 1981-1837

Coordenador Científico:
Geraldo Sant'Ana de Camargo Barros

Editora Científica:
Margarete Boteon

Editores Econômicos:
João Paulo Bernardes Deleto, Renata Pozelli Sabio,
Letícia Julião e Larissa Gui Pagliuca

Editora Executiva:
Daiana Braga MTb: 50.081

Diretora Financeira: Margarete Boteon

Jornalista Responsável:
Ana Paula Silva Ponchio MTb: 27.368

Revisão:
Daiana Braga, Alessandra da Paz, Flávia Romanelli
e Ana Carolina Wolfe

Equipe Técnica:
Amanda Ribeiro de Andrade, Ana Clara Souza Rocha,
Ana Luisa Antonio Pacheco, Camila Augusto Carazzato,
Carolina Camargo Nogueira Sales, Daphnie Estevam
Casale, Felipe Cardoso, Felipe Vitti de Oliveira, Fernanda
Geraldini Palmieri, Guilherme Giordano Paranhos,
Isabela Costa, Jair de Souza Brito Junior, Jessie Yukari

Nagai, Júlia Belloni Garcia, Lucas Conceição Araújo,
Marcelo Belchior Rosendo da Silva, Mariana Coutinho
Silva, Marina Marangon Moreira, Mariana Santos
Camargo, Marília de Paula Stranghetti, Patricia Geneseli,
Tárik Canaan Thomé Tanus e Vanessa Vizioli.

Apoio:
FEALQ - Fundação de Estudos Agrários Luiz de Queiroz

Diagramação Eletrônica/Arte:
Guia Rio Claro.Com Ltda
19 3524-7820

Foto:
Fernando Tavares Studio
19 3371-5161

Impressão:
www.graficamundo.com.br

Contato:
Av. Centenário, 1080
Cep: 13416-000 - Piracicaba (SP)
Tel: 19 3429-8808
Fax: 19 3429-8829
hfcepea@usp.br
www.cepea.esalq.usp.br/hfbrasil

A revista Hortifruti Brasil pertence ao Cepea

A reprodução dos textos publicados pela revista
só será permitida com a autorização dos editores.



Exportações de frutas

Muito relevante o tema. Gostei da forma diversificada com que o assunto foi abordado. Mas achei que se esqueceram de citar alguns aspectos. Apesar do câmbio favorável, o excesso de oferta em certos períodos, como nos casos do melão e da melancia brasileiros no mercado europeu em outubro e novembro, causou queda significativa no preço internacional das frutas, o que deverá deixar vários produtores no prejuízo.

Outro ponto que gostaria de destacar é a falta de acordos comerciais internacionais, que acaba centralizando as vendas brasileiras para a Europa. Precisamos que isso seja revisto com urgência pelo governo brasileiro. O Brasil também não aumenta as exportações por termos um mercado interno forte. Além disso, pesam também a incerteza, o medo do risco, do desconhecido, além da barreira do idioma estrangeiro, para

(continua na próxima página)

Sabe por que **Blueseeds** é a melhor opção
para uma **safr**a de sucesso?



Tomate BS II0004



Tomate BS II0011



Tomate BS II0020

a grande maioria dos produtores pequenos e médios. Não sei como será o cenário em 2016. São muitas incertezas: a falta de água, como estarão o câmbio e a demanda.

**Adriana Prado –
Fortaleza/CE**

Boa parte dos insumos é importada, e antecipar as compras seria uma forma de evitar novas surpresas diante das oscilações do dólar. É preciso avaliar o cenário do próximo ano, como o câmbio e a seca em vários estados produtores. Acreditamos que será um ano ruim para exportação.

**Idalceno Cordeiro –
Guanambi/BA**

Achei bem interessante a matéria sobre as exportações de frutas. O comércio exterior fruticultor é muito amplo e, em virtude disso, há várias oportunidades de negócios aos produtores brasileiros. Em agosto deste ano, rodei o mundo para visitar produtores e supermercados da Europa. Visitei um dos maiores produtores de tomate na Holanda, entre outros pro-

dutores e grandes empresas de logística. O produto europeu possui uma vasta tecnologia e sistemática na produção, o que coloca à frente de nós, produtores brasileiros. Vi também que os índices de perda deles são mínimos. O que dificulta para o produtor brasileiro ter uma produção de alta tecnologia instalada aqui é a alta carga tributária. Com a crise hídrica, o produtor, além de desembolsar muito dinheiro para um investimento de longo prazo, obtém um produto mais caro e, com isso, perde espaço no mercado, visto que o consumidor não aguenta mais pagar tão caro por uma mercadoria. Se houvesse facilitação na importação de tecnologias ou mais desenvolvimento destas aqui no Brasil o produto teria uma qualidade melhor e preço mais competitivo, podendo elevar as exportações. Acredito que medidas mais severas contra as oscilações do dólar seria o câmbio congelado (um risco alto) ou contrato flexível que acompanha as oscilações.

**Pedro Lucas –
Tianguá/CE**

É um tema atual e pertinente, mas sugiro também que façam uma matéria sobre o uso da água na irrigação de frutas pelo Brasil e mundo. Qualidade do produto final, dificuldades na infraestrutura de rodovia e portos,



Tomate BS IS0002

Porque as sementes de tomate **Blueseeds** geram frutos **firmes, resistentes** e prontos para o plantio em **todas as regiões** do Brasil.

COM BLUESEEDS,

ESCREVA PARA NÓS.

Envie suas opiniões, críticas e sugestões para:

Hortifruti Brasil - Av. Centenário, 1080 - Cep: 13416-000 - Piracicaba (SP)
ou para: hfcepea@usp.br

Para receber a revista **Hortifruti Brasil** eletrônica, acesse www.cepea.esalq.usp.br/hfbrasil/comunidade, faça seu cadastro gratuito e receba todo mês a revista em seu e-mail!

logística péssima e deficiência nas orientações técnicas são os entraves que o Brasil enfrenta para poder exportar mais.

Lauro Pedro Jacintho Paes – Limeira/SP

O tema foi muito bem abordado e colocado de uma forma clara através das entrevistas e dos comentários dos especialistas. A infraestrutura de transporte e a especialização dos produtores com relação à qualidade e ao controle fitossanitário são barreiras a serem rompidas no segmento exportador brasileiro.

Marcelo Maia – Lucianópolis/SP

É um tema de grande valor, considerando que o Brasil é exportador com um futuro bastante promissor. A abertura de mercado e uma política de exportação mais eficiente seriam pontos importantes para exportarmos mais frutas, mas atualmente o Brasil não vive um momento confiável politicamente. O dólar flutuante tem suas vantagens e desvantagens, acredito que se estabelecermos um limite para o dólar, teríamos

uma moeda mais estável.

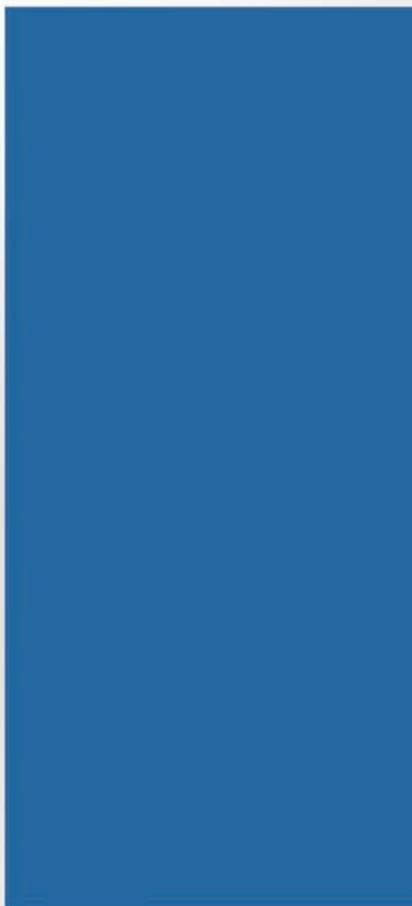
João Domingos de Carvalho – Petrolina/PE

Muito boa a matéria. Reflete as preocupações dos envolvidos no negócio da fruta. Produzir bem é essencial para as exportações crescerem, mas tem sido difícil. Produzimos quantidade, mas não sabemos produzir qualidade no sentido amplo, o que envolve tanto a parte de apresentação do produto, quanto suas qualidades organolépticas e também a questão da qualidade em termos de segurança

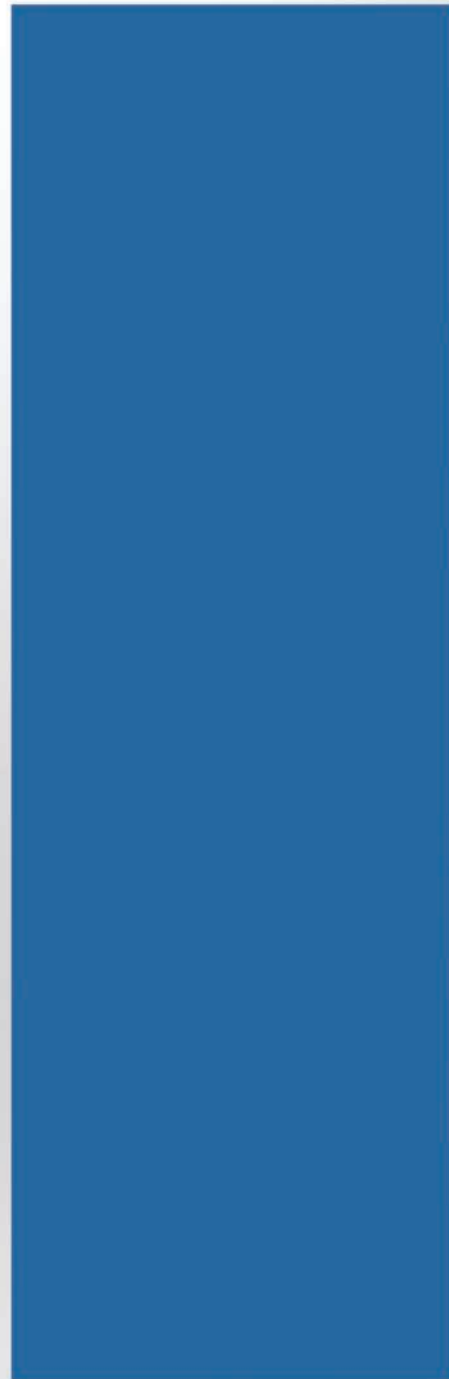
alimentar e padrões de higiene.
Fritz Wiendl – Piracicaba/SP



SUA



PRODUTIVIDADE



SÓ CRESCE.



ANUÁRIO 2015/16

2015: ANO BOM OU RUIM?

Por Renata Pozelli Sabio, Larissa Gui Pagliuca, Letícia Julião, João Paulo Bernardes Deleo e Margarete Boteon

Qualificar o ano de 2015 como bom ou ruim é um desafio para os hortifruticultores. Os preços se mantiveram, em linhas gerais, em bons níveis comparativamente à série histórica do Projeto Hortifruti/Cepea. Apesar disso, vários fatores pressionaram a rentabilidade em 2015. O principal foi um aumento generalizado dos insumos devido à disparada do dólar – fertilizantes, defensivos e sementes, por exemplo, se tornaram mais caros – num contexto em que não é possível o repasse integral dessas altas. O consumidor brasileiro está receoso em ampliar suas compras e seletivo ao adquirir produtos de alto valor agregado. A queda da atividade econômica brasileira tem agravado o desemprego e o endividamento das famílias, limitando bastante os gastos dos consumidores.

A margem dos produtores também tem sido afetada pela queda da produtividade; em

alguns casos, a receita não cobre nem os gastos com insumos usados diretamente na safra. Em 2015, os principais impactos foram causados pelo excesso de chuvas no Sul e pela forte estiagem no Nordeste.

O crédito escasso e mais caro também limitou investimentos em 2015. Os bancos estão muito seletivos, e os que conseguem captar dinheiro pagam juros mais elevados. A alternativa tem sido o financiamento direto das vendas, mas que também estão cautelosas e cobram juros ainda mais elevados.

Por outro lado, o mercado externo se mostrou favorável e deve fechar com boa receita em 2015. De qualquer forma, exportadores afirmam que os resultados financeiros poderiam ser melhores se a produtividade e a qualidade das lavouras não tivessem sido prejudicadas pelo clima adverso.

O QUE ESPERAR PARA 2016?

Em 2016, é provável que se tenha “mais do mesmo”. A expectativa é que os produtores limitem seus investimentos devido às quatro “crises” já vivenciadas em 2015: hídrica, cambial, crédito para custeio/investimento e de consumo.

O fenômeno *El Niño* (veja comentário na página 16) ainda deve impactar o volume e a qualidade da produção, pelo menos na temporada de inverno. O dólar não deve ter forte recuo. Ao contrário, o Boletim Focus (de 04 de dezembro de 2015) do Banco Central sinaliza R\$ 4,20 para a moeda norte-americana no final de 2016. Esse patamar é favorável às exportações, à medida que torna o produto brasileiro mais competitivo, mas, como já discutido no *Especial Frutas* (edição de novembro, número 151), o crescimento sustentável das vendas brasileiras depende de outros fatores além da moeda norte-americana.

O dólar em alta acarreta, ao mesmo tempo, insumos mais caros, e isso num contexto de crédito caro e

escasso. Os insumos foram reajustados em 2015, mas parte das compras dos produtores já tinha sido feita antes daqueles aumentos, amenizando o impacto sobre a contabilidade do produtor. Em 2016, no entanto, as safras já começam com insumos mais caros.

A queda da atividade econômica brasileira (PIB) tem estreita relação com o consumo dos brasileiros, e o ritmo decrescente devem persistir em 2016. Há alguns meses, já se observa que consumidores estão trocando produtos de maior valor agregado (industrializados, minimamente processados) e de alto valor por similares mais baratos. E essa tendência deve se acentuar em 2016.

Apesar das várias adversidades que o setor deve enfrentar, há também oportunidades, especialmente porque não há perspectiva de excesso de oferta que pressione os valores do hortifruti. De qualquer forma, em anos de incerteza como será o próximo, é recomendável cautela quanto à ampliação dos investimentos.

**E em 2016 crescerá ainda mais,
de nordeste a sul, sudeste a centro-oeste, com
soluções em tomates híbridos para todo o Brasil.**

Firco



www.blueseeds.com.br

Distribuidor  no Brasil.

Praça dos Crisântemos, 110
Jardim Holanda • Holambra/SP
Tel: +55 (19) 3802.2588

**Blue**seeds



CENÁRIO ECONÔMICO CONTINUA CRÍTICO EM 2016

Variável	2012	2013	2014	2015	2016
PIB Total (%)	1,80%	2,70%	0,10%	-3,50%	-2,31%
TAXA DE JUROS (Selic) (% aa) - dez	7,25%	10,00%	11,75%	14,25%	14,25%
INFLAÇÃO (IPCA - % a.a.)	5,70%	5,74%	6,39%	10,44%	6,70%
CÂMBIO (R\$/US\$) - dez	2,08	2,34	2,65	3,95	4,20

Fonte: Boletim Focus/Banco Central (04/12/2015).

ÁREA DOS HORTIFRUTÍCOLAS RECUA 1,2% EM 2015

As estimativas da equipe Hortifruti/Cepea sobre a área cultivada baseiam-se em levantamentos amostrais, feitos a partir de contato direto com agentes das principais regiões produtoras. Refletem, portanto, apenas a área das regiões acompanhadas pelo projeto Hortifruti/Cepea. O resultado dessas pesquisas indica que a área cultivada com hortaliças em 2015 foi 1,2% menor que a cultivada em 2014.

HORTALIÇAS: Estima-se ligeiro recuo de 0,47% na área em 2015 (incluindo verão 15/16) frente a 2014, mesmo tendo havido elevação dos investimentos na cebolicultura, motivados pelos altos preços ao longo de quase todo o ano – foram recordes em vários momentos. Para tomate de mesa, calcula-se diminuição da área nas safras de verão, inverno e anual, por conta, principalmente, da falta de água que persiste na região. Em relação ao tomate industrial, também se estima que tenha havido recuo nos investimentos em 2015, devido aos estoques elevados das indústrias de atomatados. Para a batata, houve ligeira recuperação da área cultivada na safra das secas. Porém, o cultivo na temporada de inverno e também na das águas foi menor – no inverno, uma área relativamente extensa em Vargem do Sul (SP) e em Cristalina (GO) não germinou a contento. Na safra das águas, a redução de área ocorreu nas lavouras de sequeiro em Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba. Com relação à cenoura, houve aumento de área no Rio Grande do Sul, mas em Goiás e na Bahia a área fecha com recuo nos investimentos. No balanço, o ano deve fechar com queda nos investimentos. Para folhosas, a estimativa é que a área cultivada em 2015 tenha se mantido estável nas regiões de São Paulo e Minas Gerais.

FRUTAS: A área de 2015 deve fechar com redução de 1,9%, frente 2014. No caso do mamão é esperado recuo no Rio Grande do Norte, por conta da estiagem prolongada que levou à falta de água para irrigação, e no Oeste da Bahia, onde problemas com mão de obra ainda desanimam produtores. Para uva de mesa, estima-se redução em Marialva (PR), após consecutivas safras de baixa rentabilidade. Em melão, a área foi menor na safra 2015 (colheita de abril-julho) no Vale do São Francisco, tendo em vista que produtores estão mais receosos com a concorrência com o RN/CE e também devido à baixa vazão do rio São Francisco. Na safra 2015/16 do RN/CE, deve haver nova diminuição da área também por falta de água para irrigação. Para banana, a área recua no Rio Grande do Norte e no Norte de Minas Gerais e o motivo é, novamente, a limitação da água para irrigação. Quanto à maçã, a área se manteve estável este ano em 2015, havendo apenas renovação de áreas erradicadas. A manga é a única fruta que deve fechar o ano com leve aumento no estado de São Paulo.

ÁREA DOS HORTIFRUTÍCOLAS EM 2014 E 2015

Produto	2014*	2015**	Var % (15/14)
TOMATE	39.929	37.273	-6,7%
BATATA	101.372	99.250	-2,1%
CEBOLA	42.160	46.046	9,2%
CENOURA	15.749	15.527	-1,4%
FOLHOSAS	38.305	38.305	0,0%
MANGA	49.725	49.749	0,0%
MELÃO	14.350	13.015	-9,3%
MELANCIA	38.136	36.488	-4,3%
MAMÃO	14.000	13.465	-3,8%
MAÇÃ	32.586	32.586	0,0%
BANANA	80.513	79.418	-1,4%
UVA	24.894	24.694	-0,8%
TOTAL	491.719	485.815	-1,2%
ÁREA POR GRUPO	2014	2015	Var % (15/14)
HORTALIÇAS	237.515,00	236.401,00	-0,47%
FRUTAS	254.204,00	249.414,10	-1,88%

Obs: As estimativas de produção da equipe Hortifruti/Cepea baseiam-se em levantamentos amostrais, obtidos a partir do contato com agentes do setor nas principais regiões produtoras. Refletem, portanto, apenas a área das regiões acompanhadas pelo Hortifruti/Cepea.

* 2014: Considera-se a temporada de verão 2014/15.

** 2015: considera-se a temporada de verão 2015/16.

MANGA É DESTAQUE NAS EXPORTAÇÕES PELO 2º ANO CONSECUTIVO

As exportações de frutas frescas em 2015 estão melhores que as de 2014, tendo em vista a valorização do dólar frente ao Real. De janeiro a novembro, os embarques de frutas frescas somaram US\$ 593 milhões, aumento de 4,15% frente ao mesmo período do ano anterior, segundo dados da Secretaria de Comércio Exterior (Secex). Para frutas de alto valor agregado, a exportação foi uma importante saída, diante da retração do consumo no mercado doméstico.

Manga continua em destaque quando o assunto é comércio exterior. Pelo segundo ano consecutivo, deve ser a fruta mais exportada pelo Brasil (em receita). Em 2014, foram R\$ 396 milhões e, de janeiro a novembro/15, R\$ 604 milhões. Isso se deve, sobretudo, à quebra de safra em países concorrentes, como Peru e Equador, que enviaram menos fruta ao mercado europeu. Além disso, os Estados Unidos liberaram a entrada de frutas de menor calibre. O aumento em 2015, contudo, poderia ser maior caso não houvesse problemas na Bahia e no Vale do São Francisco, causados pela seca, e quebra de safra em São Paulo, devido ao excesso de chuva. Maçã e uva se recuperaram frente ao ano anterior, quando os envios recuaram substancialmente. A recuperação da uva, no entanto, ainda é limitada pela

falta de água. Para 2016, o cenário estimado por enquanto é de manutenção dos embarques no nível alcançado em 2015, com possibilidade de aumento (sobretudo para melão, melancia, uva e manga) caso diminua o déficit hídrico no Nordeste.

As perspectivas de dólar valorizado para o próximo ano também podem estimular os envios. Por outro lado, a crise hídrica deste ano no Nordeste pode limitar a qualidade das frutas colhidas no início do próximo, inviabilizando expressiva alta nos envios. O avanço das exportações de maçã também pode esbarrar na qualidade e volume das frutas, prejudicados por chuvas e granizo de setembro/outubro. Também por influência do dólar e das dificuldades financeiras do consumidor brasileiro, as importações recuaram em 2015 – até novembro, foram gastos US\$ 367 milhões com frutas frescas, queda de 2,4% frente a 2014. As importações mais impactadas foram de maçã e uva, que tiveram aumentos expressivos em 2014. As compras de pera também diminuíram bastante, em função ainda do embargo imposto à fruta da Argentina que apresentou uma praga quarentenária em carregamentos que chegaram ao Brasil. Para 2016, por enquanto, as projeções são de estabilidade ou mesmo redução das importações.

2016
2015

EL NIÑO DEVE INFLUENCIAR CLIMA PELO MENOS ATÉ O FIM DO VERÃO 2015-2016

O *El Niño*, principal responsável pelo clima atípico de 2015, deve continuar influenciando as chuvas e as temperaturas no Brasil pelo menos até o final do verão 2015/16 (meados de março), de acordo com informações da Administração Nacional de Oceanos e Atmosfera dos Estados Unidos (NOAA). Considera-se a ocorrência do fenômeno quando as águas do Pacífico ultrapassam em 0,5°C a média histórica por um período de quatro meses consecutivos. Neste final de 2015, no entanto, a temperatura da Superfície do Mar excede em até 3°C os valores médios históricos.

Dessa forma, o atual fenômeno é um dos mais fortes já registrados. No Brasil, os efeitos são verificados de maneira mais expressiva nos extremos, com seca nas regiões Norte e Nordeste e muita chuva no Sul.

Tanto a seca no Nordeste quanto as chuvas no Sul afetaram a produção de frutas e hortaliças em 2015 e devem continuar influenciando em 2016. No caso da manga, na Bahia, no Vale do São Francisco e até mesmo no Norte de Minas, o calor e a baixa disponibilidade de água prejudicaram o desenvolvimento dos frutos, reduzindo a produtividade dos pomares. Viticultores do Vale estão receosos com a possível redução na vazão da água para irrigação, o que pode impactar na produtividade da safra 2016 e até mesmo nas exportações. Quanto ao melão, no RN/CE, a falta de água já levou à diminuição da área em 2015. No Rio Grande do Norte, a seca causou a redução também da área de mamão, situação que pode se agravar caso a seca piore na região de Mossoró/Baraúna em 2016.

A falta de água pode também dificultar a manutenção da área prevista para as culturas da batata, cenoura e tomate na Bahia no primeiro semestre de 2016, podendo resultar em queda nos investimentos. Produtores de cebola no Vale do São Francisco já cultivaram menos em 2015 e podem reduzir ainda mais a área se as chuvas não se regularizarem.

Noutro lado do País, no Sul, as precipitações muito acima da média desde setembro e a ocorrência de granizo limitaram a produção de maçã para a safra 2015/16 no Rio Grande do Sul e Santa Catarina, uma vez que a floração e a polinização foram prejudicadas. No Norte de Santa Catarina, a produtividade dos bananais foi prejudicada, além das atividades de campo, com risco de deslizamentos. As chuvas impactam negativamente também na produção de uva de mesa, tanto neste final de ano como no primeiro semestre de 2016 no norte do Paraná, além da safra gaúcha 2015/16 de uva industrial, mantendo a oferta baixa e a qualidade insatisfatória.

Para a cebola, mais um ano chuvoso no Sul prejudica a safra de verão 2015/16 e os ganhos de área estimados terão pouco efeito para o aumento da oferta, já que a produtividade deve ficar abaixo do normal. Além disso, a qualidade também deve ser



Prof. Dra. Margarete Boteon
é editora científica da **Hortifruti Brasil**.



João Paulo Bernardes Deleo e Renata Pozelli Sabio
são editores econômicos de **hortaliças**.



Letícia Julião (esq.) e Larissa Gui Pagliuca
são editoras econômicas de **frutas**.

bastante prejudicada, além do que o período de armazenamento dos bulbos se torna menor. No caso da batata, no Rio Grande do Sul e em Água Doce (SC), produtores podem não alcançar toda a área estimada inicialmente para a temporada 2015/16, caso as chuvas persistam. O plantio de cenoura no Rio Grande do Sul e Paraná e o de tomate no Rio Grande do Sul, Paraná e Santa Catarina para a safra de verão 2015/16, podem ser dificultados pelas chuvas, bem como o desenvolvimento das plantas, impactando na oferta desses produtos ao longo da temporada de verão. ■

A photograph of a person's hand holding a bunch of fresh, orange carrots with green leafy tops. The person is wearing a white shirt and blue jeans. The background is a lush green field of carrot plants under a clear sky.

Para ter bons resultados,
a parceria tem que ser
produtiva e de qualidade.

A Seminis oferece aos produtores uma
grande variedade de sementes com alto
potencial produtivo, que resultam em
produtos saborosos e nutritivos para os
consumidores. Parceria só é boa assim,
quando todos são beneficiados.

CLIMA INSTÁVEL E CUSTO EM ALTA DEVEM LIMITAR INVESTIMENTOS PARA 2016

Números do TOMATE em 2015

800
mil pés

Perdas com granizo
na segunda parte da safra
de inverno em **Sumaré (SP)**

-11,7%

Recuo de área
na safra anual
(2015 x 2014)

R\$ 72,86

Maior preço
médio do ano
(maio)

-21%

Queda na receita
das importações de atomatados
frente a 2014
(janeiro a novembro)

Área da safra de verão 2015/16 pode diminuir 3%

A expectativa inicial é de que a área de tomate da safra de verão 2015/16 registre leve redução de 3%. Essa diminuição na área total deve ser influenciada principalmente pelos menores investimentos no Agreste Pernambucano e em Nova Friburgo (RJ), por conta do *El Niño*, que resulta em clima quente e seco em algumas regiões e chuvas irregulares em outras. Já na praça de Urubici (SC), produtores devem aumentar os investimentos em 20%, já que o tomate proporcionou maior rentabilidade frente a outras culturas ao longo de 2015. No entanto, como o transplântio da safra de verão 2015/16 só se encerra no fim de janeiro, a elevação no custo de produção e as condições climáticas e de mercado ainda podem alterar essa estimativa. A colheita da temporada 2015/16 já foi iniciada em novembro. Quanto à área cultivada com tomate na safra de verão 2014/15, esta foi 11% menor que a de 2013/14. Esse recuo nos investimentos foi verificado em Itapeva (SP), Nova Friburgo (RJ) e Caxias do Sul (RS) e esteve associado, sobretudo, à seca no período de transplântio das lavouras. Além disso, produtores relatam que a baixa disponibilidade de mão de obra e a redução no acesso ao crédito também limitaram a produção. Na média da safra de verão (de dezembro/14 a junho/15), a rentabilidade foi positiva aos produtores, com preço médio de R\$ 37,10/cx de 22 kg, 47% acima do custo de produção. Entretanto, a baixa produtividade da temporada limitou melhores resultados.

Cenário é incerto para safra anual em 2016

Produtores ainda estão incertos

quanto aos investimentos para a safra anual em 2016. A crise econômica deve continuar influenciando os aumentos nos preços de insumos e dificultando o acesso ao crédito. Além disso, o *El Niño*, que acentua a seca no Nordeste, deve continuar atuando no primeiro trimestre de 2016, o que poderá agravar a crise hídrica nas regiões produtoras localizadas nesta região. Apesar dos desafios, a aposta inicial é de manutenção da área plantada para a safra anual 2016, com exceção de Carmópolis de Minas (MG), que deve reduzir cerca de 12% da área por conta de problemas associados ao granizo ocorrido em agosto. Em relação à safra anual de 2015, houve queda de 11,7% na área total de tomate, por conta dos menores investimentos no Nordeste. Na Chapada Diamantina (BA) e na Serra da Ibiapaba (CE/PI), a seca foi o principal fator para a diminuição na área. Já em Irecê (BA), o menor investimento esteve atrelado ao aumento do cultivo da cebola, que apresentou rentabilidade mais atrativa em relação ao tomate. Quanto aos preços, não subiram conforme o esperado por produtores. Ainda assim, apesar do aumento dos custos, especialmente por conta da forte valorização do dólar frente ao Real, a rentabilidade de tomaticultores foi positiva em 2015.

Clima prejudica produtividade, mas safra de inverno 2015 fecha no azul

A área da primeira etapa da safra de inverno de 2015 foi 10% menor que a do ano anterior e a da segunda parte, 4,5% menor. Essa queda esteve atrelada ao clima desfavorável, que desestimulou produtores a aumentarem os investimentos para este ano. Além disso, o cenário econômico brasileiro e a forte desvalorização do Real, que encareceu os custos de produção, também foram motivos para a

Janáína

Tomate Salada Indeterminado

F1

Resistências/Tolerâncias:

V, F2, N, TMV, TYLCV, TSWV

WINNERS
OS PRODUTOS VENCEDORES

 **FELTRIN**[®]
SEMENTES

(54) 2109.4400 www.sementesfeltrin.com.br



Da esq. para a dir.: Camila Augusto Carazzato, Daphnnie Estevam Casale, Jair de Souza Brito Junior e Tárík Canaan Thomé Tanus
são analistas de mercado de tomate.

Entre em contato:

hftomate@usp.br

diminuição na área. Até mesmo o cultivo de tomate de maior valor agregado, como o italiano, que ganhava espaço nos últimos anos, foi limitado. Vale lembrar que o manejo do tomate italiano é mais complexo e exige cuidados específicos, visto que é mais suscetível a doenças frente ao longa vida. Apesar desse cenário, produtores das principais regiões produtoras da safra de inverno registraram rentabilidade positiva em 2015. Os valores do fruto estiveram acima dos custos, sobretudo nos meses iniciais da colheita. Em maio, o preço médio foi de R\$ 84,00/cx de 22 kg em Mogi Guaçu (SP) e de R\$ 81,00/cx em Sumaré (SP), levando a uma média mensal de R\$ 72,86, a maior do ano. Já quanto à produtividade, foi menor na maior parte das regiões, como resultado da seca no início do ano, que elevou a incidência de viroses, e das fortes chuvas no fim do primeiro semestre. Em Araguari (MG), entre abril e junho, a produtividade teve média de 250 cxs/mil pés, abaixo da ideal. Na média das regiões que colheram entre abril e novembro, o tomate foi comercializado na roça por R\$ 40,85/cx, 71% acima do custo de produção e 14% superior à média do mesmo período de 2014. A expectativa para a temporada de inverno 2016 é de ligeira redução de 1,8% na área, por conta dos menores investimentos já confirmados em Araguari, justamente por conta da menor produtividade verificada na safra de 2015. A área também pode diminuir em outras regiões, visto o cenário econômico e preocupações quanto ao clima têm deixado produtores receosos.

Granizo causa perdas de 800 mil pés em Sumaré

Uma chuva de granizo em Sumaré (SP) no final de outubro prejudicou praticamente a metade de toda a segunda parte da safra de inverno da região. Foram perdidos cerca de 800 mil pés de tomate, o que representava cerca de 40% dos 2 milhões de pés cultivados, segundo cálculos de produtores. Apesar de a maior parte dos produtores ter seguro para a produção, muitos ainda se desmotivaram em realizar novos investimentos. A colheita deve seguir até o final de dezembro, com o transplante para a temporada 2016 se iniciando em janeiro. A expectativa inicial é de manutenção da área em Sumaré, mas uma queda não deve ser descartada.

Importações de atomatados diminuem novamente em 2015

As importações de atomatados se reduziram novamente neste ano, tanto em volume quanto em receita. De janeiro a novembro, a redução foi de 17% no volume e de 21% na receita em relação ao mesmo período do ano passado, segundo dados da Secex. Vale lembrar que as importações em 2014 já haviam diminuído em relação às de 2013. As aquisições de atomatados foram menores mesmo com a maior produção nos principais países exportadores de atomatados para o Brasil, como Itália, Chile, Estados Unidos e China, conforme informações do Conselho Mundial de Tomates para Processamento (WPTC, na sigla em inglês). O destaque da queda das importações foi a China, país que

enviou 61% menos atomatados ao Brasil de janeiro a novembro frente ao mesmo período de 2014. A redução esteve atrelada especialmente à forte valorização do dólar, que encareceu a importação. A expectativa para 2016 é de manutenção ou, até mesmo, de nova queda nas compras internacionais, diante da previsão de que o dólar continue em altos patamares.

Área de tomate industrial reduz 5% em 2015

O cultivo de tomate rasteiro destinado à indústria se reduziu 5% em 2015 frente a 2014, totalizando 18.539 hectares, segundo colaboradores do projeto Hortifruti/Cepea. Os elevados estoques do ano passado e diminuição nas compras de atomatados foram os principais motivos para a queda. Além disso, produtores relataram que a competição com grãos cultivados em Goiás e os elevados custos de produção, por conta da forte alta do dólar neste ano, também motivaram o menor cultivo do rasteiro. A produtividade das lavouras foi considerada satisfatória em 2015, com média de 70 t/ha no período de colheita (março a novembro). A aposta inicial para 2016 é que a área plantada com tomate rasteiro se mantenha estável – vale lembrar que o dólar deve continuar elevado, o que deve aumentar os custos de produção.

KENDAL NEM – O único que funciona diretamente na planta quando os nematoides aparecem.

Tecnologia GEAPOWER®
Feito com princípios ativos naturais.



Valagro TV Brasil



ValagroGroup-Brasil



Valagro-Brasil



Valagro

Mais saúde para a natureza

ESTATÍSTICA DE PRODUÇÃO - TOMATE*

*As estatísticas de produção divulgadas pelo Cepea não representam a área total cultivada em cada região.
Os dados refletem a opinião dos principais agentes do setor e são considerados as principais referências de mercado.

Tomate de Mesa - Primeira parte da safra de inverno		Número de pés (milhões)		
Região	Praças de Coleta	2014	2015	Variação (%)
Mogi Guaçu (SP) - abril a outubro	Estiva Gerbi, Santo Antônio da Alegria, Aguaí, Mogi Guaçu, Mogi Mirim, Serra Negra e Pirassununga	8,00	8,00	0%
Sumaré (SP) - maio a junho	Sumaré, Nova Odessa, Monte Mor, Elias Fausto, Capivari e Indaiatuba	2,80	2,80	0%
Araguari (MG) - março a novembro	Araguari, Indianópolis, Uberaba, Monte Carmelo e Catalão	10,00	10,00	0%
Pará de Minas (MG) - abril a novembro	Carmópolis, Pitangui, Onça do Pitangui, Barbacena, Carandaí, Coimbra e São José da Varginha	4,50	4,20	-7%
São José de Ubá (RJ) - junho a outubro	Aré, São João do Paraíso, Itaperuna, Bom Jesus e São José de Ubá	3,60	2,00	-44%
Itaocara (RJ) - maio a novembro	Itaocara	2,00	1,50	-25%
Paty do Alferes (RJ) - abril a agosto	Paty do Alferes, Vassouras e Paraíba do Sul	4,50	4,50	0%
Norte do Paraná - março a junho	Wenceslau Braz, São Jerônimo da Serra, Mauá da Serra, Faxinal, Londrina e Marilândia do Sul	1,80	1,20	-33%
Sul de Minas Gerais - abril a agosto	Conceição do Rio Verde, Conceição das Pedras, Três Corações, Itajubá, Pouso Alegre, São Gonçalo, Poço Fundo, Alfenas, Machado, Três Pontas, Coqueiral, Santana da Vargem, Boa Esperança, Campo do Meio, Pomuceno e Campos Gerais	6,00	6,00	0%
Venda Nova do Imigrante (ES) - julho a dezembro	Venda Nova do Imigrante	10,00	10,00	0%

Tomate de Mesa - Segunda parte da safra de inverno		Número de pés (milhões)		
Região	Praças de Coleta	2014	2015	Variação (%)
Sumaré (SP) - outubro a dezembro	Sumaré, Nova Odessa, Monte Mor, Elias Fausto, Capivari e Indaiatuba	2,15	2,00	-7%
Paty do Alferes (RJ) - setembro a dezembro	Paty do Alferes, Vassouras e Paraíba do Sul	4,50	4,00	-11%
Norte do Paraná - setembro a dezembro	Wenceslau Braz, São Jerônimo da Serra, Mauá da Serra, Faxinal, Londrina e Marilândia do Sul	1,10	1,20	9%
Sul de Minas Gerais - setembro a dezembro	Conceição do Rio Verde, Conceição das Pedras, Três Corações, Itajubá, Pouso Alegre, São Gonçalo, Poço Fundo, Alfenas, Machado, Três Pontas, Coqueiral, Santana da Vargem, Boa Esperança, Campo do Meio, Pomuceno e Campos Gerais	4,00	4,00	0%

Tomate de Mesa - Safra de verão		Número de pés (milhões)		
Região	Praças de Coleta	2014/15	2015/16	Variação (%)
Itapeva (SP) - novembro a maio	Itapeva, Guapiara, Apiaí, Capão Bonito, Itaberá, Buri, Taquarivaí e Ribeirão Branco	27,00	27,00	0%
Caçador (SC) - dezembro a abril	Caçador, Rio das Antas, Lebon Régis, Monte Castelo e Macieira	11,50	11,50	0%
Urubici (SC) - dezembro a abril	Urubici	2,60	3,10	19%
Venda Nova do Imigrante (ES) - novembro a junho	Venda Nova do Imigrante	10,00	10,00	0%
Nova Friburgo (RJ) - dez a abril	Bom Jardim, Sumidouro e Teresópolis	5,50	5,00	-9%
Reserva (PR) - novembro a abril	Reserva, Ortigueira e Imbaú	8,00	8,00	0%
Caxias do Sul (RS) - novembro a maio	Caxias do Sul, Nova Petrópolis, Nova Bassano, Pelotas, Nova Prata, Santa Lúcia do Piaí	10,50	10,50	0%
Agreste de Pernambuco - concentra de setembro a março	Gravatá, Bezerros, Sairé, Camocim do São Felix, São Joaquim do Monte Bonito e Caruaru	11,00	8,50	-23%

Tomate de Mesa - Safra Anual		Número de pés (milhões)		
Região	Praças de Coleta	2014/15	2015/16	Variação (%)
Chapada Diamantina (BA)	Alto Paraguaçu	12,00	9,00	-25%
Serra da Ibiapaba (CE/PI) - concentra de setembro a março	Guaraciaba, São Benedito, Ibiapina, Ubajara, Tianguá, Viçosa do Ceará, Ipu e Carnaubal	13,00	11,20	-14%
Goianópolis	Corumbá, Cocalzinho, Pirinópolis, São João da Aliança, Goianópolis	23,00	23,00	0%
Irecê (BA)	Região de Irecê e Região de Seabra	20,00	16,00	-20%
Carmópolis de Minas	Carmópolis de Minas	4,00	4,00	0%

Obs: Os dados se referem apenas ao plantio do tomate destinado à mesa.

Tomate Rasteiro/Indústria		Hectares		
Região	Praças de Coleta	2014	2015	Variação (%)
Estado de Goiás		13.300,00	12.584,00	-5,4%
Estado de São Paulo	Matão e Araçatuba	3.570,00	3.570,00	0,0%
Estado de Minas Gerais	Paracatu e Lagoa Grande	2.200,00	2.200,00	0,0%
Agreste de Pernambuco	Gravatá, Bezerros, Sairé, Camocim de São Félix, São Joaquim do Monte, Bonito e Caruaru	280,00	100,00	-64,3%

Fonte: Agentes de mercado consultados pelo Cepea.

SETOR DE FOLHOSAS FECHA MAS 2016 TR

Números das FOLHOSAS em 2015

14%

Valor da crespa acima do custo em Mogi das Cruzes/SP (abril a novembro)

R\$ 28,43

Maior preço da caixa com 18 unidades da alface americana na Ceagesp (março)

13,4%

Menor nível dos reservatórios do Alto Tietê (setembro)

226mm

Acumulado de chuva em Ibiúna (setembro)

Safra de verão 2014/15 tem preços superiores aos custos

O clima seco durante o plantio e chuvoso na colheita da temporada de verão 2014/15 causou quebra da safra de alface em São Paulo. De acordo com produtores de Mogi das Cruzes e Ibiúna (SP), a variedade americana teve perdas de até 30% no campo por conta do excesso de umidade. Além disso, a formação das plantas foi prejudicada, e principalmente as americanas ficaram com tamanho reduzido. Assim, foi preciso mais unidades de alface para completar uma caixa. Apesar disso, o saldo financeiro final da safra de verão foi positivo devido aos altos preços registrados, como consequência da baixa oferta, sobretudo da americana. O maior preço registrado da variedade foi em março, quando a caixa com 12 unidades foi comercializada em Mogi das Cruzes e Ibiúna, a R\$ 20,23 e a R\$ 20,40, respectivamente. No mesmo mês, na Ceagesp, a caixa com 18 unidades da americana atingiu a maior média nominal mensal de 2015, de R\$ 28,43/cx. O preço médio da alface americana durante safra (dezembro/14 a maio/15), foi de R\$ 15,84/cx com 12 unidades em Mogi das Cruzes, valor 74% superior ao custo estimado de produção no período. Em Ibiúna, o mesmo tipo de alface foi negociado por R\$ 13,80/cx durante a safra de verão, 54% maior que os gastos da temporada.

El Niño causa perdas na temporada de inverno

A safra de inverno 2015 nas praças paulistas, que vai de abril a dezembro, também deve fechar com rentabilidade satisfatória. No entanto, produtores enfrentaram desafios no período, como o clima atípico que afetou a produção

das roças paulistas. Devido à influência do *El Niño*, durante a safra de inverno o clima foi mais chuvoso que o normal em São Paulo - em setembro, por exemplo, o acumulado pluviométrico foi de 226 mm em Ibiúna. O alto volume de precipitações gerou quebras na produção e favoreceu a entrada de bactérias, como mancha-chocolate e podridão interna, diminuindo a qualidade e oferta de alface. Todavia, mesmo com o grande volume de chuvas, a bacia do Alto Tietê continuou com volume baixo, registrando apenas 13,4% de sua capacidade em setembro, conforme dados da Sabesp. Além disso, houve aumento do custo de produção de folhosas em razão da valorização do dólar (encareceu insumos como sementes, adubos e defensivos) e do combustível. Na ponta final, o consumo de folhosas esteve enfraquecido, pois os brasileiros estão mais cautelosos com seus gastos por conta da crise econômica. Na média parcial da safra (abril a novembro), a alface crespa foi comercializada em Mogi das Cruzes a R\$ 11,00/cx com 20 unidades, valor 14% acima do mínimo estimado para cobrir os gastos com a cultura. Em Ibiúna, a crespa saiu à média de R\$ 9,47/cx com 20 unidades, apenas 3% maior que o custo de produção.

Falta de água prejudica produção de verão e inverno de MG

Durante parte da temporada de verão 2014/15 em Mário Campos e Caeté (MG), onde a colheita ocorreu de dezembro/14 a abril/15, produtores enfrentaram problemas com falta de água para as atividades de campo. A partir de fevereiro, contudo, o bom volume de chuva amenizou os impactos da estiagem, mas causou problemas na qua-

2015 COM BOA RENTABILIDADE, AZ DESAFIOS



Mariana Coutinho Silva

é analista de mercado de folhosas.

Entre em contato:

hfolhosa@usp.br

lidade e perdas nas roças. Em abril, o clima voltou a ficar mais seco e favoreceu o desenvolvimento das folhosas. No geral, a temporada de verão mineira apresentou bons resultados econômicos aos produtores. A alface crespa foi comercializada na região à média de R\$ 15,28/cx com 20 unidades, valor acima do custo de produção. Na safra de inverno 2015 (dezembro a maio), o clima menos úmido foi favorável ao desenvolvimento das lavouras, mas produtores se mantiveram receosos quanto a uma possível falta de água, uma vez que as chuvas se tornaram escassas. De acordo com agricultores da região, as folhosas apresentaram boa qualidade, mas as vendas foram fracas no mercado mineiro na temporada de inverno. Com a seca e a baixa demanda, muitos produtores se desestimularam a investir no plantio de alface, o que resultou em menor oferta no final de 2015 em Minas Gerais. Mesmo com a valorização no final da temporada, os resultados obtidos ficaram abaixo das expectativas de produtores. Na média da safra de inverno (abril a novembro), a alface

crespa foi comercializada na região mineira por R\$ 9,07/cx com 20 unidades, valor acima do custo de produção no período.

Clima e alto custo de produção serão principais desafios em 2016

As previsões climáticas em 2016 não estão favoráveis à alfaceicultura, principalmente no primeiro trimestre do ano. O *El Niño* deve continuar afetando o País pelo menos até o fim do verão (março/16), com expectativa de trazer temperaturas altas combinadas com bons volumes de chuva no estado de São Paulo. Esse cenário, se confirmado, pode gerar quebras na safra de verão 2015/16, cuja colheita se iniciou em dezembro/15. Isso porque as altas temperaturas podem exigir mais irrigações nas folhosas cultivadas do modo tradicional, além de provocar superaquecimento das estufas das hidropônicas. Já em Minas Gerais, o

fenômeno climático não deve elevar o volume das precipitações que normalmente ocorrem no verão, porém as temperaturas devem ficar mais elevadas, também aumentando a necessidade de irrigação nas lavouras de Mário Campos e Caeté. Outro fator desafiador para 2016 está relacionado ao custo de produção, pois os preços de sementes e defensivos estão atrelados às oscilações do câmbio. Além disso, produtores temem não conseguir repassar os valores maiores aos consumidores no ano que vem, que podem substituir as folhosas por outros vegetais mais baratos. A boa notícia é que, nesse cenário desafiador, a expectativa é que os preços da alface fiquem em altos patamares em 2016. No entanto, uma eficiente gestão da produção será essencial para que produtores consigam bons resultados.



ESTATÍSTICA DE PRODUÇÃO - FOLHOSAS*

*As estatísticas de produção divulgadas pelo Cepea não representam a área total cultivada em cada região. Os dados refletem a opinião dos principais agentes do setor e são considerados as principais referências de mercado

Região	Praças de coleta	Área plantada (ha) - Safra de inverno (mai/nov)			Área plantada (ha) Safra de verão (dez/abril)		
		2014*	2015	Variação (%)	2014*	2015	Variação (%)
Ibiúna (SP)	Ibiúna, Piedade e Vargem Grande Paulista	10.000	10.000	0%	13.000	13.000	0%
Mogi das Cruzes (SP)	Mogi das Cruzes, Biritiba Mirim, Salesópolis e Suzano	6200	6200	0%	8.060	8.060	0%
Mário Campos (MG)	Brumadinho, Ibirité, Sarzedo, São Joaquim de Bicas, Igarapé, Betim e Contagem	310	310	0%	465	465	0%

*A área das regiões de Mogi das Cruzes e Ibiúna foi revisada e por isso os números de 2014 são diferentes do divulgado no anuário anterior

Fonte: Agentes de mercado consultados pelo Cepea.

OFERTA CO GARANTE BONS P

Números da BATATA em 2015

R\$ 115,68 /sc

**Maior preço médio
do ano na Ceagesp
(janeiro e fevereiro)**

6,2%

**Recuo na área
de inverno 2015**

52,45%

**Preço na safra de inverno
maior que o custo
(julho a novembro)**

-43,6%

**Redução da importação
de batata-semente
(janeiro a novembro)**

Redução de área e safra garantem bons preços na temporada das águas 14/15

Os preços da batata na safra das águas 2014/15 ficaram acima dos custos de produção na média da temporada. Apesar disso, nem todos os produtores se beneficiaram com as boas cotações, pois aqueles que tiveram quebra de produção mais acentuada enfrentaram custos unitários mais altos. O Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba foi a região mais afetada, com perdas em torno de 20% na produtividade por conta da seca. Alguns produtores da região que não realizam a irrigação acabaram perdendo toda a área devido à estiagem. Bom Jesus (RS) também teve perdas significativas, mas o motivo foi o excesso de chuva, que causou quebra de safra estimada em 20%. O Sul de Minas Gerais, embora não tenha tido uma quebra de safra acentuada, reduziu em 14,1% a área de cultivo por conta da falta de chuvas desde 2014, o que contribuiu para uma oferta bastante controlada, sobretudo no primeiro bimestre do ano, quando esta é a principal praça a abastecer o País. Por conta disso, os preços foram os maiores de 2015 no período: R\$ 115,68/sc de 50 kg na Ceagesp na média de janeiro e fevereiro. Nas regiões de Curitiba, Irati, Ponta Grossa e São Mateus do Sul (PR) não houve redução de área na safra das águas 2014/15, mas essas praças já vinham investindo menos nos últimos anos. Com isso, no principal período de oferta nestes locais (novembro e dezembro) a oferta também esteve controlada. Produtores das regiões de Guarapuava (PR) e de Água Doce (SC) não tiveram redução na produtividade e, com isso, foram as regiões que mais se capitalizaram na safra das águas.

Mais um ano de boa rentabili- dade na temporada das secas

A temporada das secas 2015 (maio a agosto) teve ligeira recuperação neste ano. A área cultivada, no entanto, não foi suficiente para gerar excesso de oferta, mesmo com a boa produtividade, que garantiu rentabilidade positiva ao produtor. Com isso, produtores aceleraram a colheita a fim de aproveitarem os bons preços. O preço médio na temporada no Sul de Minas Gerais foi de R\$ 68,67/sc de 50 kg, 32,4% maior que o mínimo estimado para cobrir os custos da cultura, de R\$51,87 sc. O cenário foi similar nas praças paranaenses de Curitiba, Irati, Ponta Grossa e São Mateus do Sul, onde produtores receberam 53,4% acima dos custos estimados de produção. O Sudoeste Paulista iniciou a safra com atraso de 15 dias devido a problemas com chuvas durante o plantio. Como as cotações estiveram altas em julho, produtores aumentaram o ritmo da colheita, diminuindo consideravelmente a área a ser colhida em agosto. Em Ibiraíaras/Santa Maria (RS), a colheita aconteceu entre maio e julho, com produtividade próxima ao potencial.

Safra de inverno 2015 também registra menor área

A safra de inverno 2015 registrou preços acima dos custos de produção. Os motivos são a redução de 6,2% na área deste ano frente à de 2014 e a queda na produtividade. Em Vargem Grande do Sul (SP) e em Cristalina (GO), a redução foi consequência da perda de áreas já cultivadas, pois uma parte das sementes não chegou a germinar devido a problemas na qualidade e ao excesso de chuva no início do plantio, em março e abril. Outro fator limitante para a expansão da área em Vargem Grande foi o preço insatisfatório em 2014, que proporcionou menores investimentos. Diante deste cenário, a oferta se manteve controlada durante a safra de

CONTROLADA REÇOS EM 2015

Da esq. para a dir.: Felipe Cardoso, Guilherme Giordano Paranhos, Camila Augusto Carazzato e Daphnnie Estevam Casale
são analistas de mercado de batata.
Entre em contato:
hfbatata@usp.br



inverno. De julho a novembro, os preços ficaram em R\$ 62,05/sc de 50 kg, 52,45% maior que o mínimo estimado para cobrir os custos da cultura, de R\$ 40,7 sc.

Área da safra das águas 15/16 deve ser 3,9% menor

A safra das águas 2015/16 (com colheita de novembro a junho) deve ter recuo de 3,9% no cultivo frente à safra passada, especialmente no Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba, onde estima-se redução de 12,3%. O principal motivo é a seca dos últimos anos. As perdas foram maiores em áreas de sequeiro, o que levou alguns produtores que cultivam sem irrigação a não plantarem neste ano. Ponta Grossa (PR) também teve ligeiro recuo de 13% no cultivo devido à menor demanda da indústria de *chips*. Um dos fatores que atenuou o recuo do plantio na safra das águas 2015/16 foi a recuperação de 11,8% na área do Sul de MG. Na última temporada os investimentos na região haviam sido menores devido à falta de chuva. Outra região que investiu mais neste ano foi Guarapuava (PR), que deve ter área 5,2% maior frente à do ano passado, devido à boa rentabilidade nos últimos anos. O cultivo de batata da temporada das águas teve início no fim de novembro devido ao atraso do plantio no Sul. Curitiba, Irati, Ponta Grossa e São Mateus do Sul (PR) foram as primeiras a iniciar a colheita, no fim de novembro. Com as chuvas, o plantio, que deveria ter começado em julho, foi postergado para agosto. O clima atrapalhou a aplicação de defensivos e fertilizantes e aumentou a incidência de requeima. Houve, ainda, granizo, que comprometeu parte das áreas de São Mateus do Sul. Apesar disso, com exceção de

Ponta Grossa, que reduziu a área destinada à indústria, as demais regiões mantiveram os investimentos. Em Ibiraiaras/Santa Maria (RS), o plantio ocorreu de julho até outubro, com produtores relatando perdas por apodrecimento devido às chuvas volumosas. As precipitações também levaram à lixiviação de fertilizantes e a altas incidências de patógenos, o que deve limitar a produtividade. Produtores de Água Doce (SC) e Bom Jesus (RS) pretendiam iniciar o plantio em setembro, mas o clima limitou os trabalhos de campo e causou perdas de sementes por apodrecimento; granizo e geadas também causaram danos às áreas e houve problemas com a aplicação de defensivos. Tanto em Água Doce quanto em Bom Jesus o planejamento inicial é de manutenção da área, porém, há possibilidade de os produtores não conseguirem finalizar o plantio no prazo estipulado, forçando uma redução.

Falta de chuva limita área na Chapada Diamantina

A falta de chuva continua sendo o principal fator limitante da expansão da área na Chapada Diamantina (BA), que pode diminuir ainda mais no próximo ano. Alguns produtores, que antes produziam o ano todo, mudaram de estratégia e devem cultivar apenas de dezembro a maio, visto que este é o período mais chuvoso, reduzindo, assim, a dependência da irrigação. No restante do ano, bataticultores deverão cultivar em Cristalina (GO). A produtividade média em 2015 na Chapada ficou em 42 t/ha, dentro do potencial produtivo da região. Produtores receberam, em média, R\$ 86,09/sc de 50 kg, 115,22% a mais que os custos de produção estimados.

Mesmo em ano de crise, importações de pré-frita seguem estáveis

Ainda que em ritmo menos acelerado frente a anos anteriores, a migração do consumo de batata *in natura* para a processada continua ocorrendo. Mesmo com a alta do dólar ao longo do ano, o volume de importação de batata processada teve um ligeiro aumento de 0,6% de janeiro a novembro de 2015 frente ao mesmo período do ano passado, segundo a Secex. Um dos motivos que contribuiu para esse mercado se manter foi o preço atrativo do produto devido principalmente ao excedente gerado pelo embargo da Rússia em relação às relações comerciais com a Europa. Além disso, o frete também está atrativo, já que o Brasil aproveita navios enviados com outras mercadorias para trazer batata da Europa. Já a indústria nacional de batata palito pode se expandir nos próximos anos, visando atender a crescente demanda interna.

Importação de sementes também cai

A importação de batata semente recuou 43,6% na parcial deste ano (janeiro a novembro), segundo a Secex, devido a dois fatores. O primeiro deles é a alta do dólar, que encarece a semente importada. Um segundo ponto é a queda no investimento do setor de *chips* no Brasil, cuja principal cultivar não tem bom desenvolvimento com as sementes produzidas no País – segundo agentes, os investimentos deste setor estão reduzindo devido à crise econômica.

SEM A ESTRELINHA*, A ÚNICA ESTRELA QUE VAI BRILHAR É A SUA PRODUÇÃO.

Priori Top®: controle e produtividade.



*Antracnose – *Colletotrichum gloeosporioides*.

Informe-se sobre e realize o manejo integrado de pragas.
Descarte corretamente as embalagens e restos de produtos.

ATENÇÃO

Este produto é perigoso à saúde humana, animal e ao meio ambiente. Leia atentamente e siga rigorosamente as instruções contidas no rótulo, na bula e na receita. Utilize sempre os equipamentos de proteção individual. Nunca permita a utilização do produto por menores de idade.

CONSULTE SEMPRE UM
ENGENHEIRO AGRÔNOMO.
VENDA SOB RECEITUÁRIO
AGRÔNOMICO.



c.a.s.a.
0800 704 4304

www.syngenta.com.br



Priori Top® é o fungicida que controla a estrelinha com eficácia comprovada. De forma responsável, garante sua florada com maior ganho de produção. Uma mistura pronta, segura e confiável para a sua plantação.

 **Priori Top®**

syngenta.

ESTATÍSTICA DE PRODUÇÃO - BATATA*

*As estatísticas de produção divulgadas pelo Cepea não representam a área total cultivada em cada região.
Os dados refletem a opinião dos principais agentes do setor e são considerados as principais referências de mercado

Safrinha das secas e safrinha de inverno (junho a novembro)		Área plantada (ha)		
Região	Praças de Coleta	2014	2015	Variação (%)
Vargem Grande do Sul (SP) - inverno	Vargem Grande do Sul, São João da Boa Vista, Mogi Guaçu, Aguaí, Casa Branca, Santa Cruz das Palmeiras, Mococa, Itobi, São José do Rio Pardo e Porto Ferreira	12.500	10.800	-14%
Sudoeste Paulista - seca	Capão Bonito, São Miguel Arcanjo, Pilar do Sul, Itapetininga, Tatuí e Paranapanema	2.350	2.350	0%
Sudoeste Paulista - inverno	Capão Bonito, São Miguel Arcanjo, Pilar do Sul, Itapetininga, Tatuí e Paranapanema	2.830	2.830	0%
Curitiba (PR)	Almirante Tamandaré, Araucária, Balsa Nova, Campo Tenente, Campo Largo, Campo Magro, Contenda, Fazenda Rio Grande, Lapa, Mandirituba, Piraquara, Quitandinha, Rio Negro e Tijucas	3.207	3.000	-6%
Ponta Grossa (PR)	Arapoti, Castro, Imbaú, Ipiranga, Iraí, Jaguariaíva, Ortigueira, Palmeira, Piraí do Sul, Ponta Grossa, Porto Amazonas, Reserva, São João do Triunfo, Telemaco Borba, Tibagi e Ventania	1.800	1.800	0%
São Mateus do Sul (PR)	União da Vitória, São Mateus do Sul, Antônio Olímpio, Paulo Freitas e Paulo Frontin	1.300	1.300	0%
Irati (PR)	Mallet, Rio Azul, Rebouças, Irati, Fernandes Pinheiro, Teixeira Soares, Imbituva, Guaramiranga e Inácio Martins	1.065	1.200	13%
Brasília (DF) e Cristalina (GO)	Brasília e Cristalina	5.800	5.600	-3%
Mucugê (BA) e Chapada Diamantina (BA)	Mucugê e Ibicoara	5.230	5.230	0%
Sul de Minas Gerais (seca + inverno)	Sul de Minas Gerais ¹	7.000	8.000	14%
Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba (MG)	Araxá, Ibiá, Perdizes, Pedrinópolis, Sacramento, Tapira, Santa Juliana, Patrocínio, Iraí de Minas, Uberaba, Uberlândia, Rio Paranaíba e São Gotardo	5.500	5.500	0%
Ibiraíaras (RS)	Ibiraíaras e Santa Maria	1.250	1.250	0%

Safrinha das águas (dezembro a maio)		Área plantada (ha)		
Região	Praças de Coleta	2014/15	2015/16	Variação (%)
Sul de Minas Gerais	Sul de Minas Gerais ¹	8.500	9.500	12%
Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba (MG)	Araxá, Ibiá, Perdizes, Pedrinópolis, Sacramento, Tapira, Santa Juliana, Patrocínio, Iraí de Minas, Uberaba, Uberlândia, Rio Paranaíba e São Gotardo	13.000	10.900	-16%
Guarapuava (PR) 1º e 2º safrinha	Guarapuava, Campina do Simão, Cândoi, Foz do Jordão, Pinhão, Prudentópolis e Reserva do Iguaçu	4.750	5.000	5%
Curitiba (PR)	Agudos do Sul, Almirante Tamandaré, Araucária, Balsa Nova, Campo Tenente, Campo Largo, Campo Magro, Contenda, Fazenda Rio Grande, Lapa, Mandirituba, Piên, Piraquara, Quitandinha, Rio Negro e Tijucas	5.590	5.590	0%
Ponta Grossa (PR)	Arapoti, Castro, Imbaú, Ipiranga, Iraí, Jaguariaíva, Ortigueira, Palmeira, Piraí do Sul, Ponta Grossa, Porto Amazonas, Reserva, São João do Triunfo, Telemaco Borba, Tibagi e Ventania	2.300	2.000	-13%
Irati (PR)	Mallet, Rio Azul, Rebouças, Irati, Fernandes Pinheiro, Teixeira Soares, Imbituva, Guaramiranga e Inácio Martins	1.500	1.500	0%
São Mateus do Sul (PR)	União da Vitória, São Mateus do Sul, Antônio Olímpio, Paulo Freitas e Paulo Frontin	1.800	1.800	0%
Santa Catarina	Água Doce (SC) e Palmas (PR)	5.000	5.000	0%
Rio Grande do Sul	Bom Jesus, São José dos Ausentes, Ibiraíaras, Santa Maria e São Francisco de Paula	9.100	9.100	0%

Fonte: Agentes de mercado consultados pelo Cepea

¹ Cambuí, Pouso Alegre, Ipuíuna, Poços de Caldas, Areado, Bom Repouso, Camanducaia, Senador Amaral, Maria da Fé, Bueno Brandão, Espírito Santo do Dourado, São João da Mata, Andradas, Alfenas, Alterosa, Serrania, Machado, Paraguaçu, Três Corações, São Gonçalo do Sapucaí, São Bento do Abade, Santa Rita de Caldas e Congonhal.

RESULTADO DA CEBOLICULTURA EM 2015 É UM DOS MELHORES DA HISTÓRIA

Números da CEBOLA em 2015

R\$ 3,45/kg

Recorde de preço
da cebola híbrida no Triângulo MG
desde 2000 (junho)

-86%

Redução acentuada
nos preços da cebola em outubro
frente ao recorde de julho

-48%

Queda da participação
das importações argentinas no
primeiro semestre em
relação a 2014

50%

Participação das
importações europeias
no primeiro semestre

Redução de área e quebra de safra no Sul elevam preço em 2014/15

A área cultivada com cebola no Sul teve retração na temporada 2014/15, que foi de novembro/14 a abril/15. Mesmo com o bom patamar de preços na safra anterior, produtores que tiveram problemas em suas lavouras e, consequentemente, produtividade mais baixa, não se capitalizaram, e investiram menos na cultura. Pesou ainda a mão de obra escassa e de alto custo, e o fato de produtores do Paraná estarem mais motivados com o cultivo de grãos. Além da redução de área, também houve significativa quebra de safra, decorrente do excesso de chuva. Esse cenário limitou a oferta de cebolas na temporada do Sul, impulsionando com força os preços. Houve ainda elevada incidência de doenças, como bico d'água, além da aparência das cebolas ter sido prejudicada pelo granizo ou pela umidade excessiva no solo. Dentre as praças mais afetadas, destacam-se Irati (PR) e São José do Norte (RS), que ofertam principalmente a cebola superprecoce, a mais suscetível à umidade. Devido aos problemas de doenças na pós-colheita, houve ainda a necessidade de escoar mais rápido a produção, e assim restou pouca cebola para ser ofertada no final da safra. Em meados da temporada, quando normalmente começa a entrar cebola argentina no Brasil (a partir de fevereiro), quase não houve importação, o que também fez com que os preços do produto nacional subissem com força. Os valores da caixa 3 beneficiada no primeiro mês de comercialização (novembro/14) no Sul tiveram média de R\$ 19,02/sc de 20 kg. Já com melhora das cotações, no último mês (abril/15) o preço da mesma cebola foi de R\$ 38,00/sc 20 kg, aumento de 100% em relação ao início da temporada. Na média da safra, a cebola sulis-

ta foi cotada a R\$ 1,16 kg na roça, valor 73% superior às estimativas de custos de produção, de R\$ 0,67/kg.

Área sulista aumenta 14,4% na temporada 2015/16

Produtores do Sul aumentaram a área cultivada em 2015/16, em 14,4%, devido aos bons resultados da safra anterior. Mesmo com problemas de excesso de chuva e quebra de produção, os preços altos, principalmente do meio para o final da temporada passada possibilitaram boa rentabilidade. Em Ituporanga (SC), o aumento de área foi de 18,5% frente a do ano anterior e em Lebon Régis (SC), de 33,3%. No Paraná, o cultivo na região de Irati e Curitiba cresceu cerca de 8%. A única praça que teve manutenção de área foi no Rio Grande do Sul. Apesar desse cenário, o clima bastante chuvoso no Sul, em função da forte atuação do *El Niño* vem atrapalhando o desenvolvimento das lavouras, e já causa grandes perdas. Até o início de dezembro, as quebras nas lavouras sulistas estavam estimadas em 50%. Assim, a menor produção pode anular o aumento de área e gerar redução na oferta.

Pela primeira vez, Europa supera Argentina nos envios ao Brasil

No primeiro semestre do ano é comum o aumento dos envios de cebola da Argentina ao Brasil. Contudo, em 2015, a participação do país vizinho nas importações brasileiras foi 48% menor nos primeiros seis meses do ano em relação ao mesmo período de 2014, segundo a Secex. Isso porque houve redução de área e quebra de safra na Argentina. Esse cenário ocorreu justamente quando houve queda na produção do Sul do Brasil, e importa-

dores nacionais precisaram comprar mais cebola para atender a demanda doméstica. Com isso, as negociações com a Europa aumentaram e pela primeira vez superaram o volume de cebolas argentinas importado pelo Brasil. Assim, os envios da UE representaram 50% do total importado no primeiro semestre do ano, enquanto a Argentina foi responsável por apenas 42%, ainda conforme dados da Secex. O aumento expressivo das importações da Europa só foi possível porque a oferta estava muito escassa no Brasil, pois a cebola europeia possui alto custo aos importadores brasileiros, o que também ajudou a elevar os preços ao consumidor. Para 2016, as previsões são que as importações da Argentina ainda não sejam volumosas, devido à manutenção de área e clima chuvoso no país, porém ainda é cedo para saber se a produção será suficiente para suprir a demanda brasileira no período de entressafra.

Cebola europeia invade mercado pelo 2º ano e pressiona cotações

Com a quebra de safra no Sul do Brasil e na Argentina, o segundo semestre começou com preços bastante altos no mercado. Além disso, as demais regiões brasileiras que colhem neste período iniciaram os trabalhos com queda na produtividade. Com esse cenário, o preço do quilo da cebola ao produtor atingiu média de R\$ 3,45 em julho, recorde da série histórica do Cepea, iniciada em 2000. Com valores tão altos, importadores optaram por trazer cebola da Europa, o que amenizou as valorizações no Brasil. Além disso, muitos agricultores, inclusive aqueles que não plantavam cebola, decidiram aumentar a área ou iniciar o cultivo, contribuindo também para o aumento na oferta. A produtividade, que começou baixa no segundo semestre, se recuperou no decorrer da safra, também favorecen-

do a maior oferta. Com isso, o cenário mudou significativamente, gerando excedente de cebola no mercado e acentuada queda nas cotações, que ficaram abaixo dos custos de produção. Em outubro, as cotações tiveram média de R\$ 0,47/kg ao produtor, valor 86% menor que o de julho. Com isso, quem mais perdeu foram os próprios importadores, pois entre setembro e outubro, por exemplo, pagaram pelo quilo da cebola de R\$ 2,00 a R\$ 3,00 e venderam a valores próximos de R\$ 0,50.

Preços remuneradores amenizam queda de produtividade no Cerrado

Produtores do Cerrado também se beneficiaram com bons preços neste ano, especialmente até meados de safra, quando havia escassez do produto. Porém, no final da temporada, em outubro, houve acentuada desvalorização devido ao já citado elevado volume de importações de cebolas europeias, que gerou excesso de oferta. Entretanto, mesmo com preços mais baixos no final da safra, a rentabilidade média foi positiva, pois os altos patamares do início da temporada compensaram o menor rendimento. A produtividade média no Triângulo Mineiro foi de 49 t/ha de maio a setembro. Os custos de produção em Minas Gerais foram estimados na média da temporada em R\$ 0,70/kg, e a cebola foi negociada a R\$ 2,79/kg, valor quatro vezes superior aos gastos. Em Goiás, a produtividade média foi de 48 t/ha, com as cotações na média de R\$ 2,86/kg, três vezes acima das estimativas de custos, de R\$ 0,91/kg. Dessa forma, a expectativa para a safra de 2016 é de aumento de área no Cerrado. Ainda assim, neste ano, houve aumento nos custos de produção como resultado principalmente da menor produtividade, que elevou o custo

unitário. A alta do dólar frente ao Real, do diesel, energia elétrica e mão de obra também influenciaram no aumento dos desembolsos.

Rentabilidade é a melhor dos últimos anos

Para os produtores de Monte Alto e São José do Rio Pardo (SP), o resultado financeiro da safra deste ano foi positivo, considerado um dos melhores dos últimos anos. A boa remuneração no início da safra fez com que muitos cebolicultores colhessem antes do período de maturação ideal, a fim de aproveitar o bom momento de preços, o que foi uma boa estratégia, visto que houve acentuada queda nas cotações no final da safra. Em toda a temporada (julho a outubro), os preços ponderados pelo calendário de colheita, foram de R\$ 2,04/kg na roça em Monte Alto, valor 183% acima das estimativas de custos de produção, de R\$ 0,72/kg. No mesmo período, em São José do Rio Pardo, os preços foram de R\$ 2,22/kg, 258% superior aos custos, de R\$ 0,62/kg.

Enquanto em Irecê área aumenta, no Vale recua

Em Irecê (BA), houve acentuado aumento de quase 50% na área cultivada em 2015 (38,7% no primeiro semestre e 58,6% no segundo). Parte dessa expansão já era prevista, mas o restante foi motivado pelos elevados preços da cebola – o pico das cotações no ano coincidiu com o período de maior oferta na região nordestina. Assim, o aumento de área que era esperado somente para a safra de 2016 acabou se concretizando em 2015. Na média da primeira parte



da temporada (abril a julho), os preços da cebola híbrida na roça foram de R\$ 2,72/kg, 455% acima das estimativas de custos de produção (R\$ 0,49/kg). Na segunda parte (de agosto a dezembro), os valores na roça na região foram de R\$ 1,20/kg, 118% maior que os gastos, de R\$ 0,55/kg. Por outro lado, no Vale do São Francisco houve recuo de 8,4% em relação à área de 2014. O motivo foi a produtividade insatisfatória no início do ano e os baixos preços no segundo semestre de 2014. Já na segunda metade de 2015, foi a falta de água que impediu

Amanda Ribeiro de Andrade (esq.) e

Marina Marangon Moreira são
analistas do mercado de cebola.

Entre em contato:

hfcebola@usp.br



a expansão de área. Ainda assim, no geral, a safra do Vale teve boa rentabilidade, com os preços médios de R\$ 1,94/kg, 159% acima dos custos, estimados em R\$ 0,75/kg. A expectativa para 2016, até o momento, é de área estável.

Contudo, esse cenário vai depender da disponibilidade de água no Vale do São Francisco, que já está crítica e tende a piorar. Se as chuvas continuarem escassas, é possível que haja nova redução na área de cultivo.

ESTATÍSTICA DE PRODUÇÃO - CEBOLA*

*As estatísticas de produção divulgadas pelo Cepea não representam a área total cultivada em cada região. Os dados refletem a opinião dos principais agentes do setor e são considerados as principais referências de mercado.

Região	Praças de Coleta	Área plantada (ha)		
		2014	2015	Varição (%)
Divinolândia (SP) - bulbinho*	Divinolândia	323	260	-20%
Piedade (SP) - bulbinho	Piedade	120	120	0%
Piedade (SP) - híbrida	Piedade	577	650	13%
Monte Alto (SP)	Monte Alto	1.250	1.250	0%
São José do Rio Pardo (SP)	São José do Rio Pardo, Divinolândia, São Roque, Itobi, Casa Branca, Vargem Grande e Mococa	2.300	2.300	0%
Triângulo Mineiro	Uberaba, Rio Paranaíba, São Gotardo, Ibiá, Santa Juliana, Patrocínio, Araxá, Perdizes, Sacramento, Lagoa Formosa e Patos de Minas	2.341	2.340	0%
Mossoró (RN)	Mossoró e Baraúna	600	600	0%
Cerrado (GO)	Brasília e Cristalina	1.531	1.370	-11%
Irecê (BA)**	João Dourado, Irecê, Lapão, América Dourada, São Gabriel, Canarana, Barro Alto, Cafarnaum, Ibititá, Itaguaçu da Bahia, Jussara, Mulungu do Morro, Presidente Dutra e Xique-Xique	1.874	2.800	49%
Vale do São Francisco (BA e PE)	Casa Nova, Sento Sé, Sobradinho, Remanso, Juazeiro, Curaçá e Paulo Afonso (BA); Petrolina, Santa Maria da Boa Vista, Orocó, Belém do São Francisco, Cabrobó e Petrolândia (PE)	5.875	5.380	-8%
Chapada Diamantina (BA)	Mucugê, Cascavel e Ibicoara	296	296	0%

Região	Praças de Coleta	Área plantada (ha)		
		2014/15	2015/16	Varição (%)
São José do Norte (RS)	São José do Norte	1.950	1.950	0%
Rio Grande (RS)	Rio Grande e Tavares	1.530	1.530	0%
Irati (PR)	Irati, Fernandes Pinheiro, Imbituva, Palmeira, Guamiranga e Campo Magro	1.445	1.600	11%
Curitiba (PR)	Curitiba	4.300	4.600	7%
Lebon Régis (SC)	Caçador, Curitiba e Lebon Régis	1.500	2.000	33%
Ituporanga (SC)	Ituporanga, Petrolândia, Aurora, Atalanta, Imbuia, Vidal Ramos/Agrolândia, Alfredo Wagner, Bom Retiro e Leoberto Leal	14.350	17.000	18%

* Na região de Divinolândia separou-se a safra de bulbinhos e de híbridas. A área correspondente a híbridas foi somada à região de São José do Rio Pardo.

** Dados com base na Empresa Baiana de Desenvolvimento Agrícola (EBDA).

Fonte: Agentes de mercado consultados pelo Cepea

PREÇO ELEVADO DA CENOURA NO INVERNO, MAS

Números da CENOURA em 2015

R\$ 36,54 /CX

Maior preço médio da caixa "suja" na roça (maio)

-7,4%

Redução de área na Bahia (segundo semestre)

R\$ 12,18 /CX

Menor preço médio da caixa "suja" na safra de inverno 2015

300mm

Volume de chuva no Rio Grande do Sul e no Paraná (julho)

Safra de verão 2014/15 fecha com bons resultados

A área de cenoura na safra de verão 2014/15 reduziu 5% em Minas Gerais. A estiagem em quase todo o ano de 2014 dificultou as atividades de campo em São Gotardo, Santa Juliana e Uberaba (MG), resultando em diminuição nos investimentos para 2015. Já em outros estados (Bahia, Goiás, Rio Grande do Sul e Paraná), houve manutenção da área. Assim, no total, foram cultivados 9.524 hectares na temporada 2014/15, quase 3% a menos que a safra 2013/14. Quanto à rentabilidade, a temporada de verão 2014/15 fechou positiva. Na média, o preço da caixa "suja" de 29 kg entre janeiro e junho foi de R\$ 25,13, considerando-se todas as regiões produtoras acompanhadas pelo Cepea – com exceção de João Dourado e Irecê (BA), onde a caixa "suja" comercializada é de 20 kg, 86% acima do custo, com produtividade média de 60,56 t/ha. O principal fator que contribuiu para a alta nos preços foi a baixa oferta de cenoura. Enquanto a seca durante o plantio diminuiu a área e prejudicou o desenvolvimento das raízes, as chuvas na colheita elevaram a taxa de descarte nas lavouras, diminuindo o volume comercializado. Neste cenário, em maio, foi registrado o maior preço do ano da cenoura "suja", de R\$ 36,54/cx.

Área da safra de verão 2015/16 pode ter leve aumento no Sul

Os preparativos para a safra de verão 2015/16 se iniciaram em setembro. As exceções foram Goiás, onde produtores adiantaram o plantio para agosto em parte das roças, e Rio Grande do Sul, onde as atividades começaram em outubro, por conta das chuvas volumosas. No geral, a previsão inicial é de manutenção na área em Minas Gerais e na Bahia. Já

no RS, produtores podem aumentar a área em 12,6% e, no Paraná, em 20%. Apesar da crise econômica, boa parte dos produtores sulistas pretende ampliar a área com o uso de recursos próprios. Na contramão do Sul, em Goiás, a estimativa inicial aponta redução de 23,1% no cultivo da safra de verão 15/16, devido ao aumento nos custos de produção, principalmente da energia e mão de obra. Desta forma, a área total plantada na temporada de verão 2015/16 deve ser de 9.554 hectares, mas esta estimativa ainda pode ser alterada. Isso porque o aumento do dólar deve impactar fortemente no preço dos defensivos e adubos importados nesta safra de verão 2015/16. A continuidade do *El Niño* no primeiro semestre de 2016 também pode alterar o planejamento de produtores. No Sul, há preocupação com o alto volume de chuvas, que pode vir a prejudicar a produtividade das lavouras, além de elevar os gastos com defensivos. No Nordeste, é a seca o motivo de atenção e que pode resultar em limitação nos investimentos. A colheita da temporada de verão 2015/16 está prevista para começar em janeiro de 2016 e no Rio Grande do Sul, em março.

Área da safra de inverno 2015 tem redução frente a 2014

A temporada de inverno 2015 teve redução de 3,3% na área em comparação com a de 2014, somando 5.973 hectares. Em Goiás, a redução foi de 17,2%, em razão do aumento nos custos, como energia e mão de obra. Na Bahia, houve diminuição de 7,4% na área, por conta da seca e da mudança para culturas mais atrativas, como a cebola. Em julho, início da colheita da safra de inverno, os preços estiveram bem acima do valor mínimo estimado para cobrir os custos. No entanto, a alta

DE VERÃO NÃO SE SUSTENTA 2015 FECHA POSITIVO



Mariana Santos Camargo (esq.) e

Marília de Paula Stranghetti

são analistas de mercado de cenoura.

Entre em contato:

hfcenour@usp.br

produtividade nos meses seguintes aumentou a oferta, principalmente em Minas Gerais, principal região produtora de cenouras do País, o que pressionou as cotações. Em setembro, a média da caixa “suja” de 29 kg, considerando-se os MG, GO, PR e RS, foi de R\$ 12,18, o menor patamar observado na temporada. Já em outubro, as cotações reagiram devido às quedas da produtividade e da qualidade, principalmente no Sul, resultado das fortes chuvas de junho e julho, momento do plantio. De julho a novembro, a raiz foi vendida nas roças a R\$ 17,67/cx “suja” de 29 kg, valor 45% acima do custo de produção. Contudo, o aumento no custo pressiona as margens de lucro dos produtores. A valorização do dólar elevou o preço de insumos importados, impactando de modo mais acentuado nos custos das lavouras do Sul, já que, por conta das fortes chuvas, produtores tiveram mais gastos com defensivos. Mesmo assim, a temporada de inverno 2015, que finaliza em dezembro, deve se encerrar positiva.

Bahia tem redução de área com migração para a cebola

Os baixos preços da cenoura no segundo semestre de 2014 em Irecê e João Dourado (BA) desestimularam os investimentos para a temporada de 2015. Assim, parte dos produtores baianos reduziu o cultivo de cenoura e tomate para dar espaço à cebola. Desta forma, no segundo semestre deste ano, houve redução de 7,4% na área destinada ao cultivo da raiz em Irecê e João Dourado. Quanto aos preços, de julho a novembro a cenoura foi comercializada na BA por R\$ 11,09/cx, valor 30,47% acima do custo, com produtividade média de 40,82 t/ha. A expectativa é de que a migração para cebola não continue no próximo ano, por conta da seca e da queda nos preços da cebola no segundo semestre de 2015.

Chuva prejudica safra de inverno do RS e PR

A temporada de inverno 2015 no Sul do País foi marcada por chuvas volumosas. Somente em julho, o acumulado das precipitações em Antônio Prado, Vacaria e Caxias do Sul (RS) e Marilândia do Sul, Apucarana e Califórnia (PR) chegou a 300 mm. Com isso, o desenvolvimento das raízes na região foi prejudicado, principalmente no RS. A elevação do volume de chuvas é consequência do *El Niño*, que influenciou o clima ao longo de 2015 e deve continuar influenciando no primeiro semestre de 2016. A colheita da temporada de inverno no PR finaliza em dezembro, enquanto no RS segue até março/16. Com a tendência de que o clima continue chuvoso, a produtividade das roças pode seguir limitada até o final da safra.

ESTATÍSTICA DE PRODUÇÃO - CENOURA*

* As estatísticas de produção divulgadas pelo Cepea não representam a área total cultivada em cada região. Os dados refletem a opinião dos principais agentes do setor e são considerados as principais referências de mercado.

Safra de inverno (julho a dezembro)		Variedade	Área plantada (ha)		
Região	Praças de Coleta		2014	2015	Variação (%)
Goiás	Cristalina	cenoura safra de inverno	845	700	-17,2%
Minas Gerais	São Gotardo, Santa Juliana e Uberaba	cenoura safra de inverno	2.123	2.123	0,0%
Bahia	Irecê e João Dourado	cenoura safra de verão segundo semestre	1.080	1.000	-7,4%
Paraná	Marilândia do Sul, Apucarana e Califórnia	cenoura safra de inverno	800	800	0,0%
Rio Grande do Sul	Caixas do Sul, Antonio Prado e Vacaria	cenoura safra de inverno	1.350	1.350	0,0%

Safra de verão (dezembro a julho)		Variedade	Área plantada (ha)		
Região	Praças de Coleta		2014/15	2015/16	Variação (%)
Goiás	Cristalina	cenoura safra de verão	1.300	1.000	-23,1%
Minas Gerais	São Gotardo, Santa Juliana e Uberaba	cenoura safra de verão	5.377	5.377	0,0%
Bahia	Irecê e João Dourado	cenoura safra de verão primeiro semestre	932	932	0,0%
Paraná	Marilândia do Sul, Apucarana e Califórnia	cenoura safra de verão	1.200	1.440	20,0%
Rio Grande do Sul	Caixas do Sul, Antonio Prado e Vacaria	cenoura safra de verão	715	805	12,6%

Fonte: Agentes de mercado consultados pelo Cepea

CRISE HÍDRICA NO MERCADO INTERNO E

Números do MELÃO em 2015

-9,3%

**Recuo na área total
de melão em 2015**

1,6%

**Volume útil de Sobradinho,
principal reservatório baiano,
no início de dezembro**

16%

**Aumento das exportações
em 2015 frente a 2014
(agosto a novembro)**

11,9%

**Preço acima do valor mínimo
estimado para cobrir os
gastos no RN/CE
(agosto a novembro)**

Área plantada é menor em 2015

A área de melão acompanhada pelo Cepea recuou 9,3% neste ano em relação a 2014, totalizando 13.015 hectares. No Vale do São Francisco (BA/PE), a queda na área ocorreu tanto na safra principal (primeiro semestre) quanto na "entressafra" (segundo semestre). No primeiro período, o motivo foi a forte concorrência de mercado que desestimulou investimentos, e no segundo, a causa foi a limitação da irrigação. A crise hídrica também foi responsável pelo recuo na área da safra 2015/16 (colheita de agosto/15 a março/16) do Rio Grande do Norte/Ceará. O RN/CE enfrenta problemas com a falta de água desde 2011, em decorrência do baixo volume de chuvas na região. No Vale do São Francisco, melonicultores que possuem poços particulares ou plantam em regiões próximas a rios ainda conseguiram irrigar a cultura, enquanto que os demais enfrentaram dificuldades na captação.

El Niño agrava seca no NE

O *El Niño* que está atuando no Brasil é um dos mais intensos das últimas décadas, segundo meteorologistas. O fenômeno é responsável por intensificar a seca no Nordeste, considerada a pior em mais de 50 anos. No Rio Grande do Norte/Ceará, a seca intensa já dura quatro anos e tem impactado tanto na área quanto na produtividade do melão, que caiu 7,6% entre agosto e novembro em relação ao mesmo período de 2014. No Vale do São Francisco, produtores estão preocupados com a redução no nível do reservatório de Sobradinho (BA), que entrou dezembro com apenas 1,6% de sua capacidade. Programas de racionamento poderão ser implantados na praça ainda neste ano, uma vez que as previsões cli-

máticas apontam chuvas mais expressivas somente na virada do ano.

Exportações crescem 16% na parcial da safra 15/16

A exportação de melão na parcial desta safra (agosto a novembro) aumentou 16% em relação ao mesmo período de 2014, somando 131 mil toneladas, segundo a Secex. A receita obtida foi de US\$ 94 milhões, 6% maior na mesma comparação. A boa qualidade da fruta e a alta do dólar têm favorecido os envios, já que o mercado externo está mais atrativo que o brasileiro. Com isso, produtores, que na última safra destinaram cerca de 60% de sua produção para o exterior, neste ano têm enviado mais de 80% do volume. Porém, com o crescimento das exportações, a maior oferta da fruta na União Europeia fez os preços caírem nos últimos meses. Dados do USDA apontaram que o preço do melão amarelo nos portos do Reino Unido (Birmingham e Covent Garden) se desvalorizou 16% entre setembro e novembro deste ano em relação ao mesmo período de 2014. Apesar de as exportações seguirem a todo vapor nesta temporada, a conquista de novos mercados é importante para tentar diminuir a dependência do mercado europeu.

Rentabilidade unitária é positiva em 2015

Os preços do melão amarelo foram maiores na parcial deste ano do que em mesmo período em 2014. Isso porque a oferta no mercado doméstico foi menor devido à redução da área plantada, à queda da produtividade e ao aumento das exportações. No RN/CE, o melão amarelo tipo 6 e 7 foi comercializado em média a R\$ 21,61/cx de 13 kg entre agosto e novembro, valor 7,3% maior do que em mes-

LIMITA OFERTA PREÇOS SOBEM EM 2015



Júlia Belloni Garcia (esq.)

e Isabela Costa

são analistas de mercado de melão.

Entre em contato:

hfmelao@usp.br

mo período de 2014. No Vale do São Francisco, a variedade se valorizou 5,13% de janeiro a novembro/15 em relação ao ano passado. Os maiores ganhos com a cultura têm garantido rentabilidade unitária positiva aos produtores de ambas as praças, apesar do aumento nos custos de produção. Boa parte dos insumos está atrelada ao dólar, assim, o produtor tem que desembolsar mais para efetuar a compra dos produtos utilizados no campo. O aumento nos custos de produção também é reflexo dos maiores gastos com mão de obra, energia elétrica para irrigação e combustíveis, aliada à menor produtividade. No RN/CE, os ganhos com a cultura superaram em 11,9% o valor mínimo estimado por produtores da região na parcial desta safra (agosto a novembro). No Vale, os preços da fruta foram 4,87% maiores de janeiro a novembro. Embora positiva, a rentabilidade unitária neste ano é menor se comparada a 2014. Com isso, os investimentos para próximo ano deverão estar limitados ao necessário para a manutenção da cultura.

Distribuição de melão no 2º sem é dificultada pela falta de caminhões

No segundo semestre deste ano

houve falta de caminhões para o transporte de melões no Nordeste do País. O cenário só não impactou significativamente os produtores que possuem câmaras frias e conseguiram, assim, armazenar a fruta por mais tempo, garantindo a qualidade. Para os demais, porém, a falta de transporte foi motivo de preocupações e receio de perdas de mercadorias. Um dos principais fatores para a redução no número de caminhões na região é a queda do poder aquisitivo, que reflete diretamente na demanda de alimentos como iogurte e frango, por exemplo. Como estes produtos são enviados ao Nordeste em caminhões refrigerados que transportam, na volta (frete de retorno), melões para o Sudeste e Sul, a diminuição da aquisição está atrelada à distribuição da fruta para outras regiões. Além disso, os preços elevados de combustíveis e pedágios acabam tornando o transporte de melões pouco atrativo para caminhoneiros.

Espanha tem rentabilidade negativa em 2015

A Espanha é o principal fornecedor de melão à União Europeia na entressafra do Brasil. A primeira região a ofertar é a de Almería, seguida por Murcia, Castilla-La Mancha e Andaluzia. Os preços da fruta espanhola na temporada 2015 não foram suficientes para cobrir os custos de produção da cultura, segundo notícia do *Fresh Plaza*. Além disso, em parte das lavouras as altas temperaturas resultaram em menor produtividade e qualidade. Ao mesmo tempo, o mercado europeu tem sido motivo de disputa entre as redes de varejo, que acabam comercializando a fruta a preços reduzidos, prejudicando a rentabilidade de produtores. A temporada espanhola finalizou em setembro e há previsão de recuo na área da próxima. Isso pode favorecer o Brasil, que deverá continuar enviando bons volumes da fruta à Europa em 2016.



NOVO SITE DA HF BRASIL
 www.hfbrasil.org.br
AGUARDE! Fevereiro/2016 

ESTATÍSTICA DE PRODUÇÃO - MELÃO*

* As estatísticas de produção divulgadas pelo Cepea não representam a área total cultivada em cada região. Os dados refletem a opinião dos principais agentes do setor e são considerados as principais referências de mercado

Região	Praças de Coleta	Área plantada (ha)		
		2014	2015	Variação (%)
Vale do São Francisco ¹	Petrolina, Santa Maria da Boa Vista e Floresta (PE); Juazeiro e Curaçá (BA)	2.800	2.620	-6,4%

Região (safra de agosto a março)	Praças de Coleta	Área plantada (ha)		
		2014/15	2015/16	Variação (%)
Rio Grande do Norte e Ceará	Mossoró, Baraúna e Apodi (RN); Aracati, Icapuí, Limoeiro do Norte e Quixeré (CE)	11.550	10.395	-10,0%

Fonte: Agentes de mercado consultados pelo Cepea

¹ A área corresponde à soma da safra principal (colheita de abril a julho) com o período de entressafra e final de ano.

PREÇOS AVANÇAM COM OFERTA DE LARANJA E RENDIMENTO MENORES

Números dos CITROS em 2015

20%

Aumento do preço pago pela indústria pela pera e tardias em 2015/16 frente à safra 2014/15

286,14

milhões de cx

Estimativa de produção de laranja em SP e Triângulo Mineiro em 2015/16 (Fundecitrus)

69

milhões de cx

Previsão da safra da Flórida em 2015/16, a menor em 52 anos (USDA)

R\$ 106,25

/CX de 27 kg

Preço da tahiti em 22 de outubro de 2015, o maior valor real diário desde 1996

Preços sobem 20% nas indústrias em 15/16

Os preços da laranja pagos pelas indústrias de São Paulo subiram com mais intensidade neste ano, tanto os de contratos quanto os do mercado *spot*. A expectativa de menor oferta na temporada 2015/16, que deve reduzir significativamente os estoques das processadoras ao final de junho/16, foi responsável pela valorização da fruta neste segmento. Além disso, indústrias de São Paulo declararam que devem moer cerca de 90% da safra paulista, acima da média processada em anos recentes, e também adiantaram as compras para abril – em anos anteriores, a maioria das aquisições foi realizada no final de maio ou em junho. Na média parcial da temporada (de julho a novembro/15), o preço da laranja pera e das tardias nas processadoras foi de R\$ 12,06/cx de 40,8 kg, colhida e posta na fábrica, aumento de 20% em relação à média do segundo semestre de 2014. No caso dos contratos, boa parte foi fechada acima dos US\$ 4,00/cx – o dólar valorizado neste ano deve favorecer estes citricultores. Vale lembrar que, tanto nos preços no *spot* quanto nos de contratos, não foram incluídos adicionais ou descontos referentes ao preço do suco no mercado internacional à cotação do dólar e ao rendimento – estes adicionais devem ser definidos posteriormente. Apesar de ainda não garantirem maior ânimo com a cultura para os citricultores independentes (que carregam dívidas de outras safras), os maiores preços são um alívio e podem reduzir a saída de produtores da citricultura, que foi bem intensa nos anos recentes. Contudo, pesa ainda o aumento nos custos de produção, principalmente com fertilizantes, defensivos, combustíveis e energia elétrica.

Safra 2015/16 é estimada em 286,14 milhões

A partir de 2015, o Fundecitrus deve realizar estimativas de safra de laranja e também o censo do cinturão citrícola (estado de São Paulo e Triângulo Mineiro). Nesta temporada, a previsão do Fundecitrus, divulgada em dezembro, é que o cinturão colha 286,14 milhões de caixas de 40,8 kg, com 174 milhões de plantas produtivas. O motivo para a produção reduzida é a seca de 2014, que prejudicou a abertura de floradas. Além disso, a saída de citricultores da cultura e os investimentos limitados, por conta da baixa rentabilidade dos anos recentes, continuam impactando na produção. A colheita, por sua vez, está mais tardia neste ano devido às floradas atrasadas, o que postergou, também, o início do processamento para meados de junho. O encerramento da moagem deve se estender, já que cerca de 10% da produção, referentes à terceira e à quarta floradas, deve ser colhida no início de 2016.

Estoques iniciam 2015/16 acima do esperado, mas devem fechar reduzidos

Apesar da menor colheita na safra 2014/15 (de julho/14 a junho/15), os estoques de suco de laranja iniciaram a temporada 2015/16 acima do esperado. Segundo a CitrusBR, as indústrias paulistas detinham, em 30 de junho deste ano, 510 mil toneladas de suco de laranja em equivalente concentrado, redução de apenas 4,6% em relação ao mesmo período da temporada anterior. O motivo para o volume acima do esperado é o rendimento industrial superior à média recente, de 240,5 caixas para se produzir uma tonelada de suco de laranja concentrado, 15% menos matéria-prima que o necessário na safra 2013/14. Para o final de 2015/16, contudo, as expectativas são de forte redução nos estoques (que podem cair para 300 mil toneladas



Knowledge grows

Qualidade total

Desenvolvido para atender todas as necessidades nutricionais das culturas de hortifrúti, de forma eficiente e na medida certa, o Programa Nutricional Yara oferece os nutrientes necessários para que sua lavoura possa expressar o máximo potencial produtivo e o maior retorno para o seu negócio.



YaraLiva®

Para saber mais, acesse: www.yarabrasil.com.br

em equivalente concentrado, segundo a CitrusBR), já que, além da safra menor, o rendimento industrial, ao contrário da safra passada, pode ser um dos piores da história da citricultura paulista – a CitrusBR estima que seja em torno de 280,5 cxs/t, mas agentes industriais apostam em um rendimento ainda mais baixo.

Exportações sobem 9% em 2014/15

As exportações brasileiras de suco de laranja fecharam a safra 2014/15 em alta, apesar do cenário geral de queda na demanda pelo produto nos principais países consumidores. Segundo dados da Secex, de julho/14 a junho/15, o Brasil enviou a todos os destinos 1,19 milhão de toneladas de suco, aumento de 9% em relação ao volume da temporada anterior. Em receita, foram arrecadados US\$ 2,1 bilhões, avanço de 6% no período – em moeda nacional, a alta foi de 33%, resultado favorecido pela significativa valorização do dólar em 2015. Os envios à Europa aumentaram 11% no período e aos Estados Unidos, 14%. No caso dos EUA, merece destaque a maior demanda pelo suco de laranja não congelado (NFC) – 327,6 mil toneladas deste tipo de suco foram exportadas ao país norte-americano na safra 2014/15, aumento de 70% em relação à temporada anterior. Quanto à safra 2015/16, apesar da queda nos embarques nos primeiros meses da temporada, principalmente aos EUA, exportadores brasileiros acreditam que os envios possam fechar próximos aos de 2014/15, com a retomada da demanda norte-americana. Segundo a Secex, de julho a novembro de 2015, foram exportadas 439,9 mil toneladas de suco em equivalente concentrado, queda de 3% em relação ao mesmo período de 2014.

Flórida pode colher a menor safra em 52 anos

As primeiras estimativas do USDA para a safra 2015/16 da Flórida indicam

que o estado pode colher a menor produção em 52 anos. Segundo relatório divulgado em 9 de dezembro, a safra local deve ser de 69 milhões de caixas, redução de 29% em relação à temporada 2014/15 (que totalizou 96,8 milhões) e cerca de metade do produzido pelo estado há cinco anos. A baixa produção na Flórida, por sua vez, pode novamente elevar as importações norte-americanas de suco de laranja do Brasil e seguir elevando os valores externos da *commodity*. De 8 de outubro, dia anterior ao primeiro relatório do USDA, até o dia 9 de dezembro, o suco de laranja negociado na Bolsa de Nova York (ICE Futures) se valorizou 36%. Além de favorecer a indústria de suco, o maior preço externo também pode beneficiar produtores paulistas, já que a maior parte dos contratos tem como base o preço de venda do suco de laranja no mercado internacional. Novos relatórios mensais devem ser divulgados pelo Departamento Norte-Americano até julho de 2016.

Produção da safra 2016/14 pode ser novamente limitada

Apesar de ainda ser cedo para se estimar a safra 2016/17 de laranja do estado de São Paulo e do Triângulo Mineiro, a expectativa geral de agentes do setor é novamente de produção limitada. As floradas, ocorridas em agosto e setembro na maioria dos pomares, foram bastante abundantes, já que as plantas produziram pouco em 2015/16, e as condições climáticas favoreceram o desenvolvimento das flores. Contudo, em meados de outubro, as elevadas temperaturas resultaram em abortamento significativo de chumbinhos, e não foram observadas novas florações, já que o solo estava úmido – para a abertura de flores, é necessário que se tenha estresse hídrico. A possível oferta restrita de laranja na temporada 2016/17 pode dificultar a manutenção dos níveis de estoques das indústrias paulistas.

Estoques podem reduzir significativamente ao fim de 2016/17

Com a expectativa inicial de produção de laranja reduzida na próxima safra paulista (2016/17), a disponibilidade de suco também pode cair significativamente. Os estoques de entrada relativamente baixos (previstos para 300 mil toneladas em julho de 2016), somados a um menor volume processado, podem resultar em estoques finais (em junho/17) bem abaixo do nível estratégico de 300 mil toneladas, em equivalente concentrado. Assim, por mais um ano, a demanda industrial pode ser aquecida, limitando a oferta ao segmento *in natura* e resultando em preços maiores ao citricultor.

Colheita de poncã dura apenas 3 meses em SP

A colheita de tangerina poncã tem sido cada vez mais limitada no estado de São Paulo, resultado do desânimo de produtores com a cultura – além dos custos em alta, a elevada incidência de doenças e o período pequeno de colheita desestimulam citricultores. Em 2015, os preços subiram em relação aos do ano passado, que já haviam sido altos. A média de comercialização da poncã durante a colheita (de abril a junho/15) foi de R\$ 24,69/cx de 40,8 kg, na árvore, aumento de 5% em relação à média do período de colheita de 2014 (de maio a agosto/14). A laranja de mesa também se valorizou em 2015/16. A pera comercializada neste segmento teve média de R\$ 13,49/cx de 40,8 kg de julho a novembro/15, aumento de 22% em relação aos mesmos meses do ano passado. O cenário de oferta limitada, com boa demanda industrial, foi o principal fator que elevou os valores.

Preço da tahiti atinge recorde nominal em 2015

O preço da lima ácida tahiti su-

biu com força na “entressafra” (segundo semestre) deste ano e atingiu média de R\$ 106,25/cx de 27 kg, colhida, no dia 22 de outubro, o maior patamar nominal de toda a série histórica do Cepea, iniciada em 1996 para esse produto. A oferta ainda mais limitada que em anos anteriores, principalmente de fruta graúda, impulsionou as cotações da tahiti. No período de safra (primeiro semestre), os preços também estiveram firmes, mas ainda um pouco inferiores aos de 2014, sustentados pela oferta mais escalonada e pela boa demanda por parte das indústrias por esta fruta, que pagaram, na média de todo ano de 2015, R\$ 11,60/cx de 40,8 kg, colhida e posta na fábrica, semelhante à média de 2014. Para o primeiro trimestre de 2016, quando ocorre o pico da safra, a previsão é que a oferta seja bastante elevada, superando a de 2015. Quanto aos preços, vão depender do volume a ser demandado pela indústria.

Fernanda Geraldini Palmieri (esq.)
e **Carolina Camargo Nogueira Sales**
são analistas de mercado de citros.

Entre em contato:

hfcitros@usp.br



Consecitrus ainda não sai do papel

O Consecitrus (Conselho dos Citricultores e das Indústrias de Suco de Laranja), que estava previsto para entrar em vigor em 2016/17, ainda não saiu do papel. A ausência de acordo entre os citricultores e a indústria com relação ao conteúdo do estatuto deve adiar o início da atuação do Conselho – o limite definido pelo Cade para a elaboração do estatuto era setembro de 2015. Enquanto produtores pretendiam incluir

no estatuto informações operacionais do setor, como verticalização e prazo máximo de permanência de caminhões de laranja para desembarque da fruta, as indústrias defendiam que estatuto deveria apenas ser um documento técnico. Não foi definido um novo prazo para a entrega do documento, mas os membros (citricultores e indústria) já solicitaram uma nova data ao Cade.



WHATSAPP DA HF BRASIL

— 19 99107.4710 —

Horário comercial: das 8h às 18h ✓

ESTATÍSTICA DE OFERTA - CITROS

SÃO PAULO (safra comercial: julho a junho)		Fonte	2014/15	2015/16*	Variação (%)
Volume de Produção ¹	milhões de caixas	CitrusBR/Fundecitrus	311,40	286,14	-8,1%
Produtividade ¹	caixas/pé	CitrusBR/Fundecitrus	2,04	1,64	-19,5%
Pés em Produção ¹	milhões de árvores	CitrusBR/Fundecitrus	152,90	174,13	13,9%
Produção de Suco ²	Equivalente mil t FCOJ (66 °Brix)	CitrusBR	1.128,48	800,00	-29,1%
Vendas de Suco nos mercados interno e externos ²	Equivalente mil t FCOJ (66 °Brix)	Secex/CitrusBR	1.171,00	1.070,00	-8,6%
Estoque Final de Suco ²	Equivalente mil t FCOJ (66 °Brix)	CitrusBR	510,39	300,00	-41,2%

* Os dados de 2015/16 são passíveis de alterações.

¹ Os dados de volume de produção, produtividade e de pés em produção abrangem a produção paulista e do Triângulo Mineiro

² Todos os tipos de suco foram convertidos em equivalente FCOJ (suco de laranja concentrado e congelado). Dados de produção de suco, exportação e estoque referentes à 2015/16 são estimativas de julho/15 da CitrusBR.

FLÓRIDA (safra comercial: outubro a setembro)		Fonte	2014/15*	2015/16*	Variação (%)
Volume de Produção	milhões de caixas	USDA	96,80	69,00	-28,7%
Produtividade	caixas/pé	USDA	1,73	1,27	-26,7%
Pés em Produção	milhões de árvores	USDA	55,89	54,38	-2,7%
Disponibilidade de Suco ²	Equivalente mil t FCOJ (66 °Brix)	USDA	951,96	856,97	-10,0%
Vendas ²	Equivalente mil t FCOJ (66 °Brix)	USDA	581,09	522,98	-10,0%
Estoque Final de Suco ²	Equivalente mil t FCOJ (66 °Brix)	USDA	365,73	333,99	-8,7%

* Os dados de 2015/16 são passíveis de alteração.

² Todos os tipos de suco foram convertidos em equivalente FCOJ (suco de laranja concentrado e congelado). Dados referentes a 2015/16 são cálculos do Cepea, considerando as estimativas de produção e rendimento do USDA, e redução de 10% nas vendas.

CLIMA PREJUDICA MELANCICULTURA EM 2015

Números da MELANCIA em 2015

88%

**Preço acima
do custo em
Teixeira de Freitas/BA**

330,7 mm

**Volume de chuva
registrado em Arroio dos Ratos (RS)
(outubro)**

R\$ 0,86/kg

**Maior preço médio mensal
ao produtor em Uruana (GO)
(junho)**

87,45%

**Aumento no volume exportado
de melancia na parcial da safra 15/16
(agosto a novembro)**

Com menor oferta em GO, preço fecha acima do custo em 2015

No geral, produtores de melancia da região de Uruana (GO) ficaram satisfeitos com a safra 2015. A área foi menor neste ano quando comparada à de 2014, porém, foi compensada em parte pela maior produtividade das lavouras. Sem grandes problemas com a virose, que gerou prejuízos em temporadas passadas, o rendimento médio foi de 50 t/ha. No início do ano, o clima quente e seco chegou a atrasar o início do plantio, e as chuvas em abril elevaram a incidência de doenças nas lavouras, aumentando os custos de produção, mas os preços altos mantiveram a boa rentabilidade. A colheita teve início em abril, com a qualidade da fruta ficando satisfatória a partir de maio. O menor volume de fruta na região em 2015, por conta da redução de área, impulsionou as cotações da melancia, que chegou a ser negociada a R\$ 0,86/kg (média da fruta graúda >12kg) em junho. Entretanto, a partir de em julho, com o início da colheita em Tocantins, os preços se enfraqueceram. Mas na média da safra, maio a novembro, a melancia graúda (>12 kg) foi negociada à R\$ 0,56/kg, superior aos custos de produção, estimado em R\$ 0,31/kg, gerando rentabilidade positiva por unidade de produção. Para 2016, a área de melancia na região de Uruana pode ter leve aumento, recuperando parte do que foi reduzido neste ano. Porém, como o plantio é bem escalonado (começa em dezembro/15 e segue até agosto/16), essa expectativa pode ser alterada.

Menor produção pressiona resultados em TO

Produtores de Lagoa da Confusão e Formoso do Araguaia (TO) não tiveram resultados tão positivos quanto os goianos em 2015. Neste ano, houve aumento na área e a produtividade foi elevada para os padrões de Tocantins (média de 30 t/ha), resultando em maior oferta, que pressionou as cotações na comparação com as registradas no ano passado. O semeio teve início na segunda na quinzena de abril, e com o grande volume de chuvas na região em maio, as atividades avançaram entre junho e julho. As primeiras melancias foram colhidas na Lagoa no final de junho, com intensificação da oferta entre julho e agosto e término em outubro. De julho a outubro, o preço médio de venda da fruta graúda (>12 kg) na região foi de R\$ 0,47/kg, 28% inferior à média de 2014, mas ainda superior ao valor mínimo estimado pelos produtores para cobrir o custo de produção (R\$ 0,24/kg). O plantio da temporada 2016 deve começar em março, podendo haver novo aumento de área, principalmente por conta dos custos de produção com cultura em Tocantins serem menores que os das demais regiões.

Safra baiana finaliza com bons preços e produtividade

A temporada 2014/15 da região de Teixeira de Freitas (BA) foi considerada satisfatória pelos melancicultores. A colheita, inicialmente prevista para ocorrer de outubro/14 a março/15, foi estendida até abril devido aos bons preços da fruta, impulsionados pela demanda aquecida e oferta controlada. No geral, o valor médio de venda da fruta graúda (>12 kg) na temporada foi de R\$ 0,47/kg, 88% acima do valor mínimo de venda estimado pelos melancicultores para cobrir os custos com a cultura. A produtividade elevada, estimada

**Maior conservação no pós-colheita:
garantia de polpa firme e crocante
da colheita à mesa do consumidor.**

Escolha Manchester, o híbrido
mais cultivado do Brasil.



Manchester

syngenta.

em 47 t/ha, também contribuiu para a melhor rentabilidade, além das frutas estarem bem graúdas (peso médio de 15 a 16 kg por unidade). Com esses resultados, produtores estão animados para a safra 2015/16, o que pode resultar em aumento na área cultivada na Bahia. Porém, a escassez de água, a dificuldade de conseguir crédito e o aumento nos custos de produção podem ser fatores limitantes. O plantio em Teixeira começou em julho/15 e se prolongará até fevereiro/16. A colheita teve início em novembro, com previsão de durar até meados de abril/16. Ainda assim, a tendência é que haja novamente uma temporada positiva, principalmente no final deste ano e início do próximo, já que a colheita no Rio Grande do Sul deve atrasar, limitando a oferta nacional de melancias no período.

Chuvas no RS prejudicam temporada 14/15 e plantio da 15/16

A safra 2014/15 das regiões de Arroio dos Ratos, Encruzilhada do Sul e Bagé (RS) foi marcada por bons preços, mas também com baixa produtividade. Isso ocorreu principalmente em função do clima chuvoso, que aumentou a incidência de doenças nas lavouras e reduziu a qualidade das frutas. Segundo colaboradores do Cepea, a produtividade média das regiões gaúchas foi de 37 t/ha na última temporada. Esse cenário elevou custos unitários de produção e limitou a rentabilidade dos produtores. Com disso, o fim da safra no RS foi antecipado, a colheita era prevista para durar de dezembro/14 a abril/15, mas se encerrou em fevereiro/15. O preço médio de comercialização da fruta graúda (>12 kg) entre dezembro/14 e fevereiro/15 foi de R\$ 0,49/kg, próximo ao custo de produção estimado pelos melancicultores da região, de R\$ 0,44/kg. Assim, produtores devem reduzir os investimentos na safra 2015/16. Além

dos resultados negativos da última temporada, no Rio Grande do Sul tem ocorrido chuvas excessivas por conta do *El Niño*, e que são prejudiciais à produção. O transplantio das mudas, que estava previsto para agosto/15 na região de Arroio dos Ratos, primeira praça gaúcha a produzir, foi praticamente “perdido” com as precipitações intensas a partir de setembro. Em outubro, por exemplo, as chuvas totalizaram 330,7 mm em Arroio dos Ratos, 148% acima da normal climatológica, segundo a Somar Meteorologia. Muitos agricultores postergaram as atividades de transplantio e replantio para novembro, quando as águas deram uma trégua. Com esse atraso, a colheita no RS deve iniciar na segunda quinzena de dezembro, mas ainda de forma limitada. No geral, produtores estão bastante desanimados para a safra 15/16, pois além dos prejuízos já obtidos, o clima pouco favorável deve impactar na produtividade das lavouras, na qualidade das frutas e elevar os custos de produção desta temporada.

Seca afeta safra paulista 2014/15

Nas regiões de Itápolis, Marília e Presidente Prudente (SP), a temporada principal de melancia 2014/15 sofreu com clima quente e seco no estado entre final de 2014 e início de 2015. A estiagem elevou a incidência de virose nas plantas e a baixa disponibilidade de água para irrigação interferiu no rendimento das lavouras e prejudicou a qualidade das frutas. Apesar de a área cultivada não ter apresentado grandes variações, a colheita ocorreu de outubro/14 a janeiro/15, juntamente com as ofertas baiana e sulista, pressionando as cotações - a melancia graúda (>12 kg) foi negociada na região paulista na média de R\$ 0,39/kg, valor próximo ao custo médio de produção, estimado em R\$ 0,25/kg. Quanto ao semeio da sa-

frinha paulista (dezembro/14 a fevereiro/15), foi ameaçado pelo clima quente e seco, que elevou a incidência de tripes e limitou o crescimento das frutas, pressionando as cotações - na terceira semana de março, a melancia graúda (>12 kg) chegou a ser negociada a média de R\$ 0,34/kg e a média (10 a 12 kg) à R\$ 0,25/kg. Mas analisando todo o período da safrinha (março a maio/15) a melancia graúda foi negociada na região por R\$ 0,50/kg. Com a oscilação de preços, a rentabilidade entre os produtores paulistas variou muito, conforme a semana em que houve a concentração de colheita de cada um.

Chuva impacta safra de SP 15/16, mas cotações devem ser boas

Com resultados abaixo do esperado pelos produtores paulistas em 2014/15, a área de plantio da safra principal 2015/16 nas regiões de Itápolis, Marília e Presidente Prudente pode diminuir. O inverno em 2015 foi mais úmido que o do ano anterior, o que elevou a incidência de doenças nas plantas. Além disso, choveu granizo em algumas propriedades em outubro, chegando a ocasionar perdas totais em algumas lavouras. Com esse cenário, a oferta de fruta da região tem sido menor, impulsionando as cotações em alguns períodos. De setembro a dezembro, o preço médio de venda da melancia graúda na região paulista foi de R\$ 0,46/kg, valor 21% acima do registrado no mesmo período de 2014. A safra principal deve seguir até janeiro/16, sendo que em fevereiro está previsto o início da colheita da safrinha paulista. Alguns produtores devem arriscar emendar as duas temporadas, na expectativa de obter bons valores devido aos problemas com a safra do Sul. Quanto à área de plantio da safrinha de 2016, é estimada manutenção, porém a possibilidade de um aumento ainda não é descartada.

Da esq. para a dir.: Vanessa Vizioli, Larissa Gui Pagliuca e Fernanda Geraldini Palmieri
são analistas de mercado de melancia.

Entre em contato:

hfmelancia@usp.br



Mesmo com seca no NE, exportações crescem na parcial de 2015/16

O período de exportação da melancia brasileira, principalmente da sem semente, ocorre de agosto a março, com a produção concentrada no Rio Grande do Norte/Ceará. Na temporada 2014/15, o Brasil enviou a todos os destinos 33,5 mil toneladas da fruta, aumento de 6,2% frente à safra 2013/14 (Secex). Em receita, o montante gerado foi de US\$ 17,6 mil, alta de 6,8%. Na safra atual (2015/16) a área de plantio não caiu e a produção foi

elevada este ano, uma vez que muitas lavouras migraram para novas áreas no litoral do Piauí e Baraúna, entre outras regiões, tendo poucos problemas de doenças, além de água de melhor qualidade. Como resultado os embarques aumentaram significativos 87,45% de agosto a novembro, quando foram exportadas 37,02 mil toneladas, segundo a Secex. O acumulado em receita também está 72,5% maior em dólar, na mesma comparação. O dólar valorizado, os problemas na produção de países concorrentes como a Espanha e o en-

fraquecimento do consumo brasileiro foram outros fatores que impulsionaram os envios da fruta. Com o excesso de melancia brasileira no mercado internacional, os preços da fruta caíram 35% entre outubro e novembro, passando de US\$ 1,03/kg para US\$ 0,65/kg, em média, no porto de Rotterdam. Este comportamento já sinaliza uma redução dos embarques nos próximos meses.



Melancia - preços coletados pelo Cepea - 2015

Preços médios recebidos por produtores e atacadistas da fruta graúda maior que 12 kg (R\$/kg)

Variedade	Nível	Região	2015											
			JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ*
Melancia com semente	produtor	Lagoa da Confusão (TO)	-	-	-	-	-	-	0,42	0,62	0,37	0,48	-	-
Melancia com semente	produtor	Uruana (GO)	-	-	-	0,57	0,61	0,87	0,5	0,68	0,47	0,42	0,33	-
Melancia com semente	produtor	São Paulo	0,4	-	0,45	0,46	0,55	-	-	-	0,51	0,4	0,47	0,48
Melancia com semente	produtor	Rio Grande do Sul	0,52	0,53	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Melancia com semente	produtor	Teixeira de Freitas (BA)	0,61	0,62	0,47	0,47	-	-	-	-	-	-	0,51	0,76
Melancia com semente	atacado	Ceagesp (SP)	1,18	1,38	1,19	1,11	1,05	1,32	0,93	1,15	1,13	1,38	1,29	1,4

Fonte: Cepea

* A média de dezembro/15 é a parcial até o dia 04.

ESTATÍSTICA DE PRODUÇÃO - MELANCIA*

* As estatísticas de produção divulgadas pelo Cepea não representam a área total cultivada em cada região. Os dados refletem a opinião dos principais agentes do setor e são considerados as principais referências de mercado

Região	Praças de Coleta	Área plantada (ha)		
		2014	2015	Variação (%)
Tocantins	Lagoa da Confusão e Formoso do Araguaia	7.000	8.000	14,3%
Goiás	Uruana	6.000	4.500	-25,0%
São Paulo	Presidente Prudente, Marília, Oscar Bressane e Itápolis	10.536	10.138	-3,8%
Rio Grande do Sul	Arroio dos Ratos, Triunfo, Montenegro, Encruzilhada do Sul e Bagé	9.500	8.400	-11,6%
Bahia	Teixeira de Freitas	3.600	4.000	11,1%
Chapada do Apodi (RN) e Baixo Jaguaribe (CE)	RN: Mossoró, Baraúna e Apodi - CE: Aracati, Icapuí, Limoeiro do Norte e Quixeré	1.500	1.500	0,0%

Fonte: Agentes de mercado consultados pelo Cepea

PREÇO E QUALIDADE EM 2015 DEVI

Números do MAMÃO em 2015

-3,8%

Redução na área total de mamão acompanhada pelo Cepea em 2015

18%

Aumento nas exportações, a maior desde 2005 (janeiro a novembro)

R\$1,41/kg

Diferença entre o maior (junho) e o menor (agosto) preço do ano do havaí no Sul da Bahia

-49%

Queda da rentabilidade unitária do formosa no ES (maio)

Área de mamão cai em 2015

A área de mamão caiu 3,8% em 2015 nas regiões acompanhadas pelo Cepea em comparação com 2014, somando 13.465 hectares. No geral, houve dificuldade no plantio de novas áreas devido à falta de água nas regiões produtoras e, no segundo semestre, por conta da restrição de crédito agrícola. O Rio Grande do Norte foi a região com queda mais expressiva neste ano frente a 2014. A principal variedade afetada no estado foi de mamão formosa, que é o mais cultivado em Mossoró/Baraúna, onde a crise hídrica tem restringido o cultivo. Os níveis dos reservatórios estão muito baixos, desestimulando até mesmo a renovação de roças antigas. No Oeste da Bahia, a área também foi menor em 2015. O recuo já era esperado por agentes locais por conta do alto custo de produção e volatilidade dos preços no mercado interno. Outras importantes regiões produtoras, por sua vez, mantiveram a área neste ano: o Sul da Bahia, o Espírito Santo e o Norte de Minas Gerais. Nesta última, porém, produtores apostam em redução na área para 2016 devido à ocorrência do vírus do mosaico, que vem desestimulando investimentos na fruta. Além disso, a crise hídrica tem dificultado a irrigação, que é importante para garantir boa produtividade e qualidade. No início do próximo ano, o investimento em área em outros estados também deve seguir limitado pela restrição hídrica e de crédito.

Ano registra maior preço desde 2010

A baixa oferta durante diversos meses de 2015 fez com que as cotações médias (parcial do ano) de mamão havaí estivessem acima das observadas em 2014, apesar da rentabilidade unitária negativa em alguns meses. Entre janeiro

e novembro, o havaí 12-18 foi negociado a R\$ 0,81/kg na média das regiões produtoras do Sul da Bahia e do Espírito Santo, valor 16% maior do que em mesmo período no ano anterior. O maior preço de mamão registrado no ano foi em junho, no Sul da Bahia, quando produtores venderam o havaí a R\$ 1,81/kg, em média; este também foi o maior preço nominal desde junho de 2010. Esta alta foi consequência da menor disponibilidade de frutas por conta do atraso na maturação de parte da produção e, também, do período de “pescoço”, resultante do abortamento de flores em janeiro/15. Os preços poderiam ter sido até maiores, mas o clima prejudicou a aparência e o tamanho das frutas.

Rentabilidade é negativa em alguns meses de 2015

Apesar do preço recorde de mamão em 2015, produtores da maioria das regiões tiveram rentabilidade unitária negativa em alguns períodos do ano. O mamão formosa foi comercializado abaixo do valor mínimo estimado por produtores em maio no Oeste da Bahia, no Norte de Minas Gerais e no Espírito Santo, sendo que nesta última praça a variedade foi negociada a valores 49% abaixo dos custos naquele mês. Ainda na praça capixaba, o formosa teve rentabilidade unitária negativa também em fevereiro. Já no Sul da Bahia, a variedade foi vendida abaixo dos gastos em agosto e setembro. Em todos esses meses, a oferta das duas variedades esteve mais elevada por conta da maturação acelerada devido ao clima quente, superando a demanda enfraquecida. Já o havaí apresentou mais meses de rentabilidade negativa – em maio, agosto, setembro e outubro no ES e em janeiro, fevereiro e maio no sul da Bahia. Além disso, no sul baiano houve a maior amplitude de preços – a diferença entre a

TÊM FORTE OSCILAÇÃO DO AO CLIMA

maior cotação (junho) e a menor (agosto) foi de R\$ 1,41/kg para o havaí. A exceção neste cenário foi a região produtora do Rio Grande do Norte, que registrou preços acima dos custos unitários em todos os meses.

Oferta pode ser menor no 1º sem de 2016

A disponibilidade de mamão no mercado interno pode ser mais restrita nos primeiros meses de 2016 devido ao abortamento de flores no último trimestre de 2015. Além disso, produtores menos tradicionais estiveram desestimulados a renovar a área nos seis primeiros meses de 2015, o que pode impactar a oferta no primeiro semestre de 2016. Isso porque os ganhos dos produtores foram pressionados pela alta dos custos de produção em 2015. Os principais fatores que influenciaram foram o aumento da tarifa de energia elétrica, necessária para sustentar o sistema de irrigação da fruta, e a alta do dólar, que afetou o preço dos insumos agrícolas. A expectativa para 2016 é de que produtores consigam ter rentabilidade unitária positiva no início do ano, já que os preços podem ser maiores. Porém, o dólar deve

permanecer em patamares elevados e produtores continuarão a registrar alta nos custos de produção de mamão.

Exportação de mamão é a maior em 10 anos

Com o dólar próximo dos R\$ 4,00 e os preços no mercado interno em níveis baixos, as exportações têm sido mais atrativas. Na parcial do ano (janeiro a novembro), o Brasil exportou 36,4 mil toneladas de mamão, volume 18% maior do que em mesmo período do ano anterior, de acordo com a Secex. Este é o maior volume embarcado em 10 anos – até então, o maior volume havia sido registrado na parcial de 2005 (janeiro a novembro), quando o País exportou 36,6 mil toneladas. A receita obtida com os envios na parcial de 2015 atingiu US\$ 40 milhões (FOB), valor 6% inferior do que em 2014. No período, a média do dólar foi de R\$ 3,30, valor 42% maior que nos mesmos

meses de 2014. Com isso, o valor recebido pelos produtores, em Real, foi de R\$ 132 milhões, 33% superior no mesmo período comparativo. De acordo com exportadores, a demanda por formosa vem crescendo nos últimos anos, cenário positivo para os exportadores, já que é mais fácil produzir formosa, que tem custos menores do que o havaí. Entretanto, as demandas e questões fitossanitárias estão se tornando cada vez mais exigentes, sobretudo em relação à qualidade. Desse modo, o meio mais utilizado para o transporte de mamão continua sendo o aéreo, que representa 81% do total enviado. A previsão de exportadores para 2016 é que o mercado siga aquecido devido à atratividade do dólar. No entanto, vale ressaltar que a qualidade pode limitar envios mais expressivos, uma vez que pode ser afetada pelo o clima.

Patrícia Geneseli Geneseli (esq.)

e **Jessie Yukari Nagai**

são analistas de mercado de mamão.

Entre em contato:

hfmamao@usp.br



ESTATÍSTICA DE PRODUÇÃO - MAMÃO*

*As estatísticas de produção divulgadas pelo Cepea não representam a área total cultivada em cada região. Os dados refletem a opinião dos principais agentes do setor e são considerados as principais referências de mercado.

Região	Praças de Coleta	Área plantada (ha)		
		2014	2015	Variação (%)
Espírito Santo	Região de Pinheiros (Montanha, Pedro Canário e Boa Esperança) e Linhares (Sooretama, Rio Bananal e Jaguaré)	4.000	4.000	0,0%
Oeste da Bahia	Barreiras, Luiz Eduardo Magalhães, Santa Maria da Vitória, Bom Jesus da Lapa e São Felix do Coribe	1.400	1.265	-10%
Sul da Bahia	Teixeira de Freitas, Nova Viçosa, Itabela, Prado, Porto Seguro, Vereda, Itamarajú, Belmonte, Caravelas, Alcobaça, Mucuri, Eunápolis, Ibirapuã e Santa Cruz Cabrália	5.600	5.600	0%
Rio Grande do Norte	Mossoró e faixa de São José de Mipibu a Touros	1.500	1.100	-26,7%
Norte de Minas	Janaúba, Jaíba e Montes Claros	1.500	1.500	0%

Fonte: Agentes de mercado consultados pelo Cepea.

BOA QUALIDADE E ELEVAM COTAÇÕES NO

Números da MAÇÃ em 2015

1,163
milhão de toneladas

Volume total colhido
na safra 2014/15
(ABPM)

15%

Aumento do valor mínimo
estimado para cobrir os gastos
em Vacaria
(janeiro a novembro)

-37%

Redução das importações
de maçã
(janeiro a novembro)

33%

Aumento das exportações
de suco de maçã
(janeiro a novembro)

Área deve ser estável na safra 2015/16

A área da safra de maçã 2015/16, cuja colheita deve ser iniciada a partir de janeiro/16, deve se manter frente à passada. Agentes do setor indicam que os investimentos necessários para o plantio de novos pomares estão elevados e há dificuldades em se adquirir crédito. As instabilidades política e econômica brasileira também fazem com que produtores fiquem receosos em efetuar investimentos de maior risco. Na temporada 2014/15, a área total aumentou ligeiro 1,2% frente à anterior, somando 32.586 hectares, nas regiões acompanhadas pelo Cepea.

Produção da temporada 2014/15 é semelhante à anterior

O volume de maçãs produzido na safra 2014/15 foi semelhante à anterior, somando 1,16 milhão de toneladas, segundo a ABPM. Enquanto a produção de fuji diminuiu 9% frente à temporada 2013/14, a de gala aumentou 9%. Para a fuji, a queda foi mais acentuada nas praças catarinenses. A variedade não se desenvolveu de acordo com as expectativas e a safra foi de alternância de produção negativa. Quanto às expectativas para a temporada 2015/16, estima-se quebra superior a 15% em alguns pomares, em decorrência dos efeitos do *El Niño*. Produtores indicaram que a polinização foi inadequada e que houve dificuldade para se efetuar os tratos culturais por conta das chuvas. Assim, além da perda dos investimentos, as macieiras ficaram suscetíveis a doenças. Alguns relataram até mesmo a incidência de *Glomerella*.

2º sem tem recuperação parcial de preços

O valor médio da maçã na parcial deste ano foi inferior ao do mesmo período de 2014. Considerando-se as regiões de Fraiburgo, São Joaquim e Vacaria, a média da variedade gala graúda, Cat 1, foi de R\$ 52,31/cx, 5,6% abaixo da de janeiro a novembro/14. Com relação à fuji de mesmo tamanho e categoria, foi comercializada por R\$ 53,41/cx no período, valor 4,4% menor na mesma comparação. Este cenário é decorrente dos reduzidos preços no primeiro semestre, que, em função do mercado pouco aquecido e da maior oferta, foram 15% inferiores aos dos seis primeiros meses de 2014 para a gala. No segundo semestre de 2015, porém, os baixos estoques garantiram a recuperação parcial das cotações. No início de novembro, quase todo o estoque de gala já havia sido escoado, enquanto o restante da fuji deve ser totalmente vendido ainda em 2015.

Dólar, energia elétrica e mão de obra impulsionam custos em 2015

A alta do dólar e os maiores gastos com energia elétrica e mão de obra foram os principais fatores responsáveis pelo aumento dos custos de produção da maçã em 2015. Em São Joaquim (SC), o valor mínimo estimado entre janeiro e novembro deste ano para cobrir os custos de produção da gala e da fuji foi 27% maior em relação ao mesmo período de 2014. Em Fraiburgo (SC) e Vacaria (RS), os mínimos estimados para cobrir os custos aumentaram 9% e 15%, respectivamente, na mesma comparação. Apesar dos maiores gastos com a cultura, a rentabilidade unitária nas três regiões sulistas foi positiva no período.

Volume importado em 2015 pode ser o menor em 10 anos

BAIXOS ESTOQUES SEGUNDO SEMESTRE

As importações de maçã somaram 66 mil toneladas de janeiro a novembro deste ano, volume 37% menor que o do mesmo período de 2014, segundo a Secex. Além da alta do dólar, que limitou a entrada de frutas estrangeiras, a boa qualidade da safra brasileira resultou em menor necessidade de importação. Neste ano, as compras de maçã do Chile ultrapassaram as da Argentina, que tradicionalmente ocupava o posto de principal fornecedor de maçãs ao Brasil. Na parcial do ano, foram importadas 33 mil toneladas de maçã chilena, redução de 18% frente ao mesmo período de 2014 e a Argentina enviou 20 mil toneladas ao Brasil, volume 56% menor na mesma comparação. A redução da entrada de maçãs argentinas está atrelada ao embargo imposto pelo Brasil ao país vizinho entre março e junho, por conta da incidência de *Cydia pomonella* em carregamentos da fruta. Atualmente, os estoques brasileiros de maçã estão reduzidos, o que poderia impulsionar as importações nas últimas semanas do ano. O dólar elevado, no entanto, pode limitar as compras externas, que devem fechar 2015 com o menor volume importado em 10 anos.

Júlia Belloni Garcia (esq.)
e **Isabela Costa** são analistas de
mercado de maçã.
Entre em contato:
hfmaca@usp.br



Exportações de fruta fresca e de suco crescem em 2015

As exportações brasileiras de maçã fresca foram finalizadas em julho – no restante do ano, o volume embarcado é pouco significativo. A relação entre produção e volume exportado ficou dentro do esperado pelo setor em 2015 – foram enviadas 60 mil toneladas, alta de 35% em relação ao mesmo período de 2014, segundo a Secex. A alta do dólar e a boa qualidade favoreceram os embarques, que se recuperaram frente à forte queda de 2014. Além disso, houve busca por novos mercados, uma vez que, com o embargo russo, os estoques europeus estiveram altos. Para 2016, apesar de expectativa de exportações aquecidas, fundamentada no elevado patamar do dólar, a menor produção nacional e os possíveis danos às frutas em decorrência do

clima podem limitar os envios. Quanto aos embarques de suco de maçã, de janeiro a novembro, totalizaram 20,4 mil toneladas, 33% a mais que no mesmo período de 2014. Vale lembrar que, de 2012 a 2014, as exportações do suco do Brasil se retraíram. Os embarques do suco na parcial deste ano foram impulsionados, sobretudo, pela África do Sul, que voltou a comprar do Brasil em 2015. Por outro lado, a queda de 92% nas importações da União Europeia limitou maior alta. Isso ocorreu devido, principalmente, ao embargo que a Rússia impôs na Europa. Com maior volume de maçãs na UE, a produção de sucos aumentou no bloco, refletindo em menor compra do produto brasileiro.



NOVO SITE DA HF BRASIL
www.hfbrasil.org.br
AGUARDE! Fevereiro/2016

ESTATÍSTICA DE PRODUÇÃO - MAÇÃ*

*As estatísticas de produção divulgadas pelo Cepea não representam a área total cultivada em cada região.
Os dados refletem a opinião dos principais agentes do setor e são considerados as principais referências de mercado.

Região	Praças de coleta	Área plantada (ha)		
		2014 (a)	2015 (b)	Varição (%)
Vacaria (RS)	Vacaria, Antônio Prado, Ipê, Bom Jesus, São José dos Ausentes, Monte Alegre dos Campos e Muitos Capões	11.042	11.042	0,0%
Caxias do Sul (RS)	Caxias do Sul, Veranópolis, Bento Gonçalves, Flores da Cunha, Farroupilha, São Marcos	2.220	2.220	0,0%
Fraiburgo (SC)	Fraiburgo, Água Doce, Lebon Régis, Monte Carlo, Tangará, Rio das Antas e Santa Cecília	5.950	5.950	0,0%
São Joaquim (SC)	São Joaquim, Lages, Urubici, Urupema, Bom Retiro, Painsel, Bom Jardim da Serra, Bocaina do Sul, Campo Belo do Sul, Capão Alto e Rio Rufino	11.835	11.835	0,0%

(a) Safra 2014/15
(b) Safra 2015/16

Fonte: Agentes de mercado, ABPM, AMAP e Agapomi.

2015 FOI O MANGA BRASILEI

Números da MANGA em 2015

138,6
mil toneladas

Exportação recorde
da série histórica da Secex
(janeiro a novembro)

+10%

Aumento do custo de produção
da *tommy* em
Petrolina (PE)/Juazeiro (BA)
(janeiro a novembro)

21%

Valorização da *tommy*
na BA
(jan-nov/15 frente jan-nov/14)

R\$1,52/kg

Maior preço da *palmer*
no Vale do São Francisco desde 2013,
em termos reais

Produtores do norte de MG são beneficiados pelas exportações

A colheita da safra 2015 em Jaíba/Janaúba (MG) foi de abril a novembro e ocorreu de forma escalonada. O calor excessivo e a pouca chuva do período de floradas até o amadurecimento dos frutos reduziram a produção esperada para esta temporada. Apesar disso, de modo geral, 2015 foi um ano de boa remuneração. A variedade *palmer* foi negociada a média de R\$ 1,76/kg entre abril e novembro, valor 19% superior ao do mesmo período de 2014 e 110% acima do custo médio de produção. Para 2016 a preocupação continua sendo com o clima, pois podem ser registradas novamente altas temperaturas e pouca chuva pelo menos até o fim do verão 2015/16, influenciando na produção da próxima temporada.

Chuva pontual alivia estiagem na BA, mas clima em 2016 ainda preocupa

As regiões de Livramento de Nossa Senhora e Dom Basílio (BA) vêm sendo prejudicadas pela seca desde 2012, o que tem desanimando produtores de manga. No entanto, as chuvas no final de 2014 e no começo deste ano aliviaram um pouco os pomares e foram essenciais para garantir a continuidade da irrigação até o fim da colheita. Ainda assim, o volume de precipitações ficou abaixo do ideal, mantendo a oferta de manga em 2015 inferior à do ano anterior, mas contribuindo para o maior calibre da fruta. Com a oferta mais reduzida, os preços da manga entre janeiro e novembro atingiram altos patamares, com a *tommy* na média de R\$ 1,09/kg e, a *palmer*, de R\$ 1,57/kg, valorização de 21% e de 13%, respectivamente, frente ao mesmo período de 2014. A colheita restrita no

Vale do São Francisco e a alta demanda internacional pela manga também beneficiou produtores baianos. Contudo, o clima pode volta a ser uma preocupação em 2016, pois se não chover significativamente pode haver cortes na irrigação.

Seca reduz produção do Vale e eleva preços

O clima quente e com pouca chuva reduziu o volume de manga produzido no Vale do São Francisco, o que refletiu diretamente em maiores preços. Com baixa oferta da manga do Vale, os preços subiram consideravelmente. De janeiro a novembro, o valor médio da *tommy* foi de R\$ 1,18/kg e o da *palmer*, de R\$ 1,52, 20% e 13% maiores que os de mesmo período de 2014. Apesar dos bons preços, a rentabilidade neste ano acabou sendo pressionada pelo aumento de aproximadamente 10% no custo de produção. Por outro lado, produtores que conseguiram exportar parte da sua produção, beneficiados pela alta na taxa de câmbio, tiveram melhor rentabilidade. Quanto à temporada 2016, o manejo estava sendo realizado até o início de dezembro/15, porém as perspectivas quanto ao tamanho da safra ainda são incertas, pois dependem do clima nos próximos meses.

Seca causa perdas de volume e qualidade da safra paulista

A safra 2014/15 de Monte Alto/Taquaritinga e Valparaíso/Mirandópolis (SP) não teve bons resultados. A seca chegou a causar abortamento e prejudicou o desenvolvimento dos frutos. Esse cenário resultou em uma queda de cerca de 30% na produção total de ambas as regiões, gerando uma safra não muito rentável aos produtores. Devido à baixa qualidade da manga e à concentração

ANO DA RA NO EXTERIOR



Ana Luisa Antonio Pacheco
e **Ana Clara Souza Rocha** são analistas de
mercado de manga.
Entre em contato:
hfmanga@usp.br

de oferta em determinados períodos do ano, produtores venderam a *tommy* a valores próximos ao custo de produção (R\$ 0,40/kg em dezembro) e semelhante ao pago pela indústria de suco. Entre novembro/14 e janeiro/15, a *tommy* na região de Monte Alto/Taquaritinga foi negociada à média de R\$ 0,44/kg, enquanto a *palmer* foi negociada por R\$ 0,73/kg no mesmo período. Mesmo com a safra 2014/15 pouco rentável, houve mais investimentos em indução e manejo para a temporada seguinte.

Chuva afeta temporada 2015/16 de São Paulo

O clima prejudicou novamente a produção em Monte Alto/Taquaritinga e Valparaíso/Mirandópolis. O frio e o estresse hídrico, condições que induzem a florada natural, começaram com atraso em SP, já que o mês de maio foi considerado mais chuvoso que o habitual. As chuvas e ventos causaram vegetação das panículas e queda de flores e de "manguitas" - as que conseguiram vingar abriram atrasadas e desuniformes. Como resultado, até o final de novembro os pomares estavam com frutas em

diversas fases de desenvolvimento, o que atrasou o início da colheita. Até o fechamento desta edição, a quebra de produção da *tommy* estava estimada em 50% e a da *palmer* em 40%, o que já refletiu nos preços de outubro a novembro. Nesse período, a *tommy* foi negociada a média de R\$ 0,73/kg, enquanto a *palmer*, a R\$ 1,40/kg. Estima-se que não deve haver pico de oferta nesta temporada 2015/16, como normalmente ocorreu em anos anteriores. No entanto, a quebra de safra deve aumentar ainda mais os custos de produção e reduzir a margem do produtor.

Exportações de manga foram recordes em 2015

O País foi um grande destaque no mercado internacional de manga em 2015. Além da atratividade do câmbio, o mercado europeu, principal comprador da fruta brasileira, estava desabastecido devido à quebra de safra em países que competem com o Brasil.

Os envios foram intensificados no segundo semestre, quando os embarques para os Estados Unidos se iniciaram. O aumento das exportações, somado à baixa oferta nacional, causou desabastecimento no mercado brasileiro, cenário que impulsionou as cotações domésticas da fruta. Os embarques na parcial deste ano (janeiro a novembro) registraram recordes tanto de volume quanto de receita, de 138,6 mil toneladas e US\$ 163,6 milhões, considerando-se a série da Secex. Em relação ao primeiro trimestre de 2016, o volume ofertado pelo Peru e Equador ainda é incerto, uma vez que o *El Niño* deve durar pelo menos até o fim do verão. Há expectativa do fenômeno climático causar chuvas fora de época no final da colheita desses dois países, prejudicando a fitossanidade das mangas. Caso esta situação venha a se concretizar, produtores do Brasil poderão ser novamente beneficiados em 2016 pela fraca concorrência internacional.

ESTATÍSTICA DE PRODUÇÃO - MANGA*

*As estatísticas de produção divulgadas pelo Cepea não representam a área total cultivada em cada região. Os dados refletem a opinião dos principais agentes do setor e são considerados as principais referências de mercado.

Região	Praças de Coleta	Área plantada (ha)		
		2014	2015	Variação (%)
Petrolina (PE) e Juazeiro (BA) ¹	Petrolina e Juazeiro	25.750	25.750	0,0%
Livramento de Nossa Senhora (BA)	Livramento de Nossa Senhora e Dom Basílio	10.035	10.035	0,0%
Monte Alto e Taquaritinga (SP) ²	Monte Alto, Vista Alegre do Alto, Taquaritinga, Cândido Rodrigues, Fernando Prestes, Taiaçu e Itápolis	7.402	7.445	0,6%
Andradina (SP)	Valparaíso, Mirandópolis, Andradina, Guaraçai e Muritinga do Sul	1.081	1.062	-1,8%
Jaíba e Janaúba (MG)	Jaíba, Janaúba e Montes Claros	5.457	5.457	0,0%

Fonte: Agentes de mercado consultados pelo Cepea.

¹ Os dados referentes ao plantio em Petrolina e Juazeiro consideram a área pública do perímetro irrigado do Codevasf e a área privada.

² Em maio de 2014, a área de Monte Alto/Taquaritinga (SP) foi recalculada, considerando-se o adensamento médio de 40 m²/planta (tanto área nova quanto em produção).

EL NIÑO PREJUDICA PRODUÇÃO MAS FAVORECE

Números da BANANA em 2015

-1,4%

Redução na área de banana em 2015 frente 2014

R\$ 0,18kg

Menor preço pago pela banana nanica, no Norte de SC (fevereiro)

20%

Aumento das exportações ao Mercosul (janeiro a novembro/15 frente ao mesmo período de 2014)

57%

Aumento no valor mínimo estimado por produtores para cobrir os custos da prata anã no Norte de MG

Com crise hídrica, área tem queda em 2015

A expectativa inicial era de aumento na área cultivada com banana em 2015. Porém, a crise hídrica reduziu os investimentos planejados para o setor. Assim, a área de banana acompanhada pelo Cepea neste ano foi de 79.418 hectares, 1,4% menor do que no ano passado. A área do norte de Minas Gerais e do Rio Grande do Norte/Ceará tiveram queda de 2014 para 2015. Já Delfinópolis (MG) e Vale do São Francisco (BA/PE), as regiões mais recentes acompanhadas pelo Cepea, aumentaram a área de prata. Para 2016, a aposta é de que a área se reduza ainda mais. Como há previsão de continuidade do *El Niño* para o primeiro semestre do ano que vem, a expectativa é de redução na área, principalmente em regiões que dependem de irrigação.

Com inverno ameno, clima favorece produção em 2015

Apesar do clima atípico deste ano, a produção de banana nanica foi favorecida. Em janeiro e fevereiro, no entanto, a nanica foi vendida a preços bem próximos ou até mesmo abaixo do valor mínimo estimado para cobrir os custos no norte de Santa Catarina e no Vale do Ribeira (SP). No período, a oferta esteve elevada. O menor preço registrado para a variedade foi em fevereiro, no norte de SC – R\$ 0,18/kg, menor valor nominal desde fevereiro/13. A partir do inverno, contudo, o *El Niño* trouxe chuvas mais frequentes no Sul do País e frio menos rigoroso. Assim, a qualidade da nanica foi boa no período, quando normalmente há *chilling*. Com a melhor qualidade, produtores catarinenses conseguiram exportar mais e os paulistas venderam a preços acima do esperado. As chuvas no segundo semestre, porém, limitaram

os tratos culturais e a incidência de sigatoka aumentou. Além disso, no norte de SC houve riscos de deslizamento por conta da elevada umidade do solo. Para o início de 2016, o *El Niño* deve continuar atuando no verão e produtores devem ficar atentos, já que o cenário é propício para a sigatoka.

Clima prejudica qualidade da prata no norte de MG e na BA

O *El Niño* foi o responsável pelas altas temperaturas e chuvas abaixo da média nas duas principais regiões produtoras de prata anã – Norte de Minas Gerais e Bom Jesus da Lapa (BA) –, que apresentaram problemas com a qualidade da fruta. Com a limitação de água para irrigação, as frutas não se desenvolveram adequadamente. Além disso, a banana amadureceu antecipadamente em alguns períodos do ano por conta do calor e produtores tiveram que colher a fruta com baixo tamanho e calibre. Neste cenário, a diferença entre os preços da prata de primeira e de segunda qualidade foi maior do que nos outros anos. E, com os problemas climáticos em MG e na BA, a prata do Sul e das demais regiões do Sudeste chegou a ser comercializada a preços maiores. Para o início de 2016, as expectativas não são positivas, pois produtores apontam a necessidade de chuvas mais regulares para melhorar a qualidade da fruta, mas há previsão de que o *El Niño* continue atuando no período.

Investimentos diminuem com alta nos custos

O aumento nos custos de produção limitou investimentos em 2015. Além disso, a redução de linhas de crédito agrícola e a alta na taxa de juros também contribuíram para esta redução, bem co-

ÃO DE PRATA ANÃ EM 2015, A DE NANICA

mo a desvalorização do Real frente ao dólar, que fez os preços dos insumos e máquinas subirem. Os aumentos na conta de energia elétrica e dos combustíveis foram outros fatores que influenciaram a alta nos custos de produção. No norte de MG, por exemplo, o valor mínimo estimado para cobrir os custos de produção da prata anã foi 57% maior de janeiro a novembro deste ano frente ao mesmo período de 2014. Com a previsão de alta taxa de câmbio e aumento de impostos em 2016, os custos devem seguir elevados.

Exportar se torna mais atrativo

Em 2015, o Real desvalorizou frente ao dólar, aumentando os custos de produção e tornando a exportação

mais atrativa. Mesmo assim, de janeiro a novembro, o Brasil enviou 47 mil toneladas ao exterior, volume 3% menor ao mesmo período de 2014, segundo a Secex. A queda nos envios esteve ligada, sobretudo, à concorrência externa, já que a maior parte das moedas internacionais se desvalorizou frente ao dólar. Por outro lado, com elevada oferta e boa qualidade da nanica do norte de Santa Catarina, os embarques ao Mercosul aumentaram, principalmente no inverno. O total enviado ao bloco econômico, na parcial do ano (até novembro), foi de 56,5 mil toneladas,

20% maior do que no mesmo período do ano anterior. O total recebido com os envios ao Mercosul foi de US\$ 14 milhões, valor 8% inferior na mesma comparação. Porém, com o dólar valorizado, produtores receberam R\$ 74 milhões, valor 8% maior que em 2014. Como há expectativa de que a moeda norte-americana permaneça em patamar elevado em 2016, as exportações devem continuar em alta. Até mesmo os envios à União Europeia, que vinham caindo nos últimos anos, podem voltar a subir.

Lucas Conceição Araújo
é analista de mercado de banana.
Entre em contato:
hfbanana@usp.br



Estatística de Produção - Banana*

*As estatísticas de produção divulgadas pelo Cepea não representam a área total cultivada em cada região. Os dados refletem a opinião dos principais agentes do setor e são considerados as principais referências de mercado.

Região	Praças de Coleta	Área plantada (ha)		
		2014	2015	Varição (%)
Vale do Ribeira - Registro (SP) ¹	Barra do Turvo, Cajati, Cananéia, Eldorado, Iguape, Iporanga, Itariri, Jacupiranga, Juquiá, Miracatu, Pariquera-Açu, Pedro de Toledo, Registro e Sete Barras	25.000	25.000	0,0%
Norte de Minas Gerais ²	Norte de Minas Gerais	14.100	12.900	-8,5%
Delfinópolis (MG)	Delfinópolis	1.492	1.807	21,1%
Norte de Santa Catarina	Barra Velha, Corupá, Garuva, Guaramirim, Jaraguá do Sul, Joinville, Luiz Alves, Massaranduba, São João do Itaperiú, Schroeder e São Francisco do Sul	22.270	22.270	0,0%
Bom Jesus da Lapa (BA)	Bom Jesus da Lapa, Mirorós, Sebastião Laranjeiras, Urandi, Ceraíma e Santa Maria da Vitória, Barreiras Norte e Barreiras Sul	8.500	8.500	0,0%
Outros Perímetros Irrigados da Bahia	Ibipeba, Coribe, Urandi, Sebastião Laranjeiras, Guanambi, Barreiras, São Desidério e Riachão das Neves	2.515	2.515	0,0%
Rio Grande do Norte e Ceará	Pólo exportador do Vale do Açu: Natal e Ipangaçu e Ceará: Limoeiro do Norte	5.436	4.926	-9,4%
Vale do São Francisco (BA/PE)	Juazeiro e Petrolina	1.200	1.500	0,0%

¹ Os dados referem-se à área cultivada com média e alta tecnologia, características específicas do Vale do Ribeira (SP).

² Águas Vermelhas, Berizal, Capitão Enéas, Catuti, Claro dos Poções, Coração de Jesus, Engenheiro Navarro, Espinosa, Francisco Dumont, Francisco Sá, Gameleiras, Itacarambi, Jaíba, Janaúba, Mamonas, Manga, Matias Cardoso, Mato Verde, Mirabela, Monte Azul, Montes Claros, Nova Porteirainha, Novo Horizonte, Pedras de Maria da Cruz, Porteirainha, Riacho dos Machados, Rubelita, Salinas, Santo Antônio do Retiro, São Francisco, São João da Lagoa, São João da Ponte, São João das Missões, Varzelândia e Verdelândia.

Fontes: Comitê Registro/SP, Alcanorte, Epagri, Coofrutas e agentes de mercado consultados pelo Cepea.

AUMENTO NOS CUSTOS E LIMITAM CRESCIMENTO

Números da UVA em 2015

21,6%

**Aumento das exportações
(jan-nov/15
frente jan-nov/14)**

-43%

**Queda na produtividade
da niagara em Rosário do Ivaí
(safra temporã 2015 ante 2014)**

106%

**Alta no custo de produção
da crimson no Vale do São
Francisco, (janeiro a setembro
de 2015 ante 2014)**

30,3%

**Aumento nas vendas
domésticas de suco integral
(janeiro a outubro
de 2015 ante 2014)**

Quebra da safra no PR limita rentabilidade e investimentos futuros

Devido às sucessivas safras com rentabilidade negativa ou pouco satisfatórias, a área total destinada ao cultivo da uva no Paraná caiu novamente em 2015. As chuvas volumosas durante os períodos de brotação e florada da safra temporã (de abril a julho) causaram podridão e rachaduras nas bagas, gerando perdas que chegaram a cerca de 70% para as uvas finas e 50% para a niagara (rústica). Em Marialva, a safra temporã de uvas finas encerrou com preços médios de R\$ 2,99/kg, aumento de 41% em relação à safra do ano passado e de R\$ 2,91/kg no norte do Paraná, aumento de 59% na mesma comparação. Com relação à niagara, o valor médio recebido pela uva em Rosário do Ivaí foi de R\$ 3,53/kg, 12% superior em relação à safra 2014. Apesar das cotações mais elevadas, houve uma redução de 43% na produtividade de niagara, o que impactou no custo e reduziu a margem do produtor. Para a safra temporã de 2016, o aumento nos custos por conta da valorização do dólar, somado aos resultados insatisfatórios da última safra, podem reduzir os tratos culturais, o que impactaria na qualidade e na produtividade dos parreirais.

Oferta do PR no final do ano deve ser menor

As chuvas no Paraná desde setembro devem interferir novamente na produtividade e qualidade da safra de final de ano, principalmente no norte do estado e em Marialva. Viticultores estimam perdas de até 30% na produção, o que possivelmente implicará na redução da oferta de uva durante as comemorações de final de ano. Além disso, a necessidade de intensificação dos tratos culturais elevou

ainda mais os custos de produção, o que pressionará a rentabilidade do viticultor. Outro fator que deve prejudicar a safra de final de ano é a redução no poder de compra dos brasileiros devido ao cenário econômico do País. Assim, consumidores deverão substituir os alimentos de maior valor, como as uvas, por outros mais baratos. Com isso, as vendas de final de ano, geralmente a melhor época para a viticultura, podem ser menores frente ao restante do período.

Jales e Pirapora encerram safra com rentabilidade positiva

Mesmo com menor demanda e aumento dos custos, a alta nos preços da uva em 2015 possibilitou rentabilidade positiva em Jales (SP) e Pirapora (MG), embora com margens mais estreitas. A alta significativa dos custos de produção foi intensificada pela valorização do dólar, aumento do combustível, energia elétrica e juros para custeio. Estes fatores fizeram com que as áreas de ambas as regiões fossem mantidas. Os investimentos foram direcionados aos tratos culturais, renovação de parreirais e aumento na proporção de niagara em detrimento das uvas finas, que já corresponde a 70% da área total das duas regiões. A preferência dos produtores de Jales e Pirapora pela niagara deve-se à sua maior rusticidade, preços mais atrativos e menor custo de produção. Além disso, a variedade acaba sendo ofertada na entressafra da região de Campinas (SP) e de Rosário do Ivaí (PR), conseguindo bons preços. A produtividade média da niagara em Jales e Pirapora neste ano caiu 7% e 12%, respectivamente, frente à de 2014. Com oferta controlada, o preço médio pago pela niagara entre julho e outubro foi de R\$ 3,92/kg na praça paulista e de R\$ 4,80/kg na mineira. Para a temporada

REDUÇÃO DE DEMANDA DO SETOR EM 2015

Marcelo Belchior Rosendo da Silva (esq.)

e Felipe Vitti de Oliveira

são analistas de mercado de uva.

Entre em contato:

hfuva@usp.br



2016, a previsão é de que produtores de ambas as praças iniciem suas respectivas podas de formação ainda em dezembro/15, colhendo a partir de julho/16.

Niagara gera melhor rentabilidade que finas em São Miguel/Pilar

Em São Miguel Arcanjo (SP) também ocorreu migração da área de uva fina para a de niagara em 2015, mas sem haver alteração na área total. Já em Pilar do Sul (SP), a área segue exclusivamente com a produção de variedades finas. Na temporada 2015, como o frio foi mais ameno entre junho e julho em ambas as praças, alguns parreirais não entraram em dormência, o que impactou na produtividade e qualidade da safra de final de ano. A colheita de ambas as regiões teve início em dezembro/14 e se estendeu até abril/15, com uvas de qualidade e remuneração superiores às paranaenses, sobretudo as rústicas. Em São Miguel, o preço médio de venda da niagara foi 19% superior em relação à 2013/14, com média de R\$ 3,18/kg. Já o das uvas finas foi 12% inferior, com média de R\$ 3,04/kg. Em Pilar, o preço das finas ficou mais baixo, a R\$ 2,74/kg, mas superior ao custo médio de produção, estimado em R\$ 2,05/kg na temporada. Em 2016, o início da colheita em Pilar do Sul e em São Miguel Arcanjo está previsto para o final de dezembro, com expectativas positivas. Apesar das chuvas ocorridas em novembro, os parreirais estavam se desenvolvendo bem até o início de dezembro, sendo esperadas produtividade e qualidade boas, inclusive superiores às do PR.

Campinas e Porto Feliz têm menor produtividade da temporã

A safra de final de ano nas regiões de Campinas e Porto Feliz (SP) teve início em novembro, com previsão de se estender até janeiro/16. Mesmo com agentes otimistas quanto à safra, esperando boa produção, a diminuição no poder de compra dos brasileiros pode dificultar as vendas de uva no final do ano. Além disso, com o aumento nos custos de produção pode haver redução nos tratamentos fitossanitários e, consequentemente, na qualidade da uva, impactando nos preços. A colheita da safra temporã 2015 começou em abril em ambas as regiões, se estendendo até julho. Apesar de os viticultores terem relatados problemas decorrentes das chuvas, os parreirais pouco sofreram em comparação com os paranaenses. Os maiores problemas foram de podridão, rachaduras e ferrugem, além de uma leve incidência de míldio durante a safra, afetando a qualidade das bagas. Com a menor produtividade, a oferta ficou restrita, valorizando a uva, mesmo com qualidade afetada. A cotação média da niagara em Campinas (maio a julho) foi 16% maior frente à da safra temporã 2014, comercializada a R\$ 3,96/kg.

Baixa produtividade e desaquecimento econômico limitam rentabilidade no Vale

O mercado esteve pouco aquecido neste ano no Vale do São Francisco. Com redução do poder de compra dos consumidores houve menor consumo de frutas de alto valor, como a uva, impactando nas cotações da fruta na região.

Além disso, era prevista uma quebra de safra no primeiro semestre de 2015, como ocorrido no final de 2014, devido ao clima quente e seco. Contudo, a redução na produção foi, em parte, amenizada pelas chuvas ocorridas no início do ano. Assim, de janeiro a junho, o rendimento da uva Itália foi de 21 t/ha e das uvas sem semente, de 12,6 t/ha. Com menor produção, o valor estimado pelos produtores para cobrir os gastos com a cultura aumentou 43% para a Itália no contentor (média de R\$ 2,50/kg) frente ao primeiro semestre de 2014. Já o valor da crimson foi de R\$ 5,80/kg, alta de 106% na mesma comparação. Apesar do aumento nos custos, o preço de venda subiu, mantendo a rentabilidade unitária positiva no primeiro semestre de 2015. Já no segundo semestre do ano, a oferta de uva no Vale aumentou gradativamente. Entretanto, a produtividade seguiu baixa devido aos efeitos do clima quente e seco. Com o mercado desaquecido, a fruta se desvalorizou na parcial do segundo semestre (julho a novembro) em comparação com o primeiro semestre e com 2014 e a rentabilidade foi pressionada.

Crise hídrica pode afetar safra 2016 do Vale

A crise hídrica no Vale do São Francisco (BA/PE) pode afetar a viticultura local em 2016, segundo agentes. Mesmo após o aumento da vazão de água da represa das Três Marias para o reservatório de Sobradinho, na Bahia, a crise hídrica ainda pode prejudicar a produção local. Viticultores dependentes do Distrito de Irrigação Nilo Coelho (DINC) estão receosos quanto ao futuro da uva, pois podem enfrentar racionamento. Além

disso, o Brasil está sob influência do *El Niño*, um dos mais fortes desde 1997, com possibilidade de permanência pelo menos até o final do verão (março/16). O fenômeno, portanto, deve manter baixo o índice de chuva na região Norte/Nordeste, o que agravaria a crise hídrica na região do Vale. Se isso ocorrer, tanto a qualidade da uva como a produtividade dos parreirais pode ser prejudicada na safra 2016, diminuindo a quantidade de fruta apta a ser exportada.

Exportações sobem em 2015, mas não recupera envios de 2013

A exportação de uva pode aumentar este ano frente 2014, mas nem mesmo o câmbio atrativo, a economia europeia apresentando sinais de recuperação e a dos EUA mais forte, devem contribuir para recuperação do patamar de volume e receita de uva exportada em 2013. Isso porque a safra do Vale do São Francisco, principal polo exportador da fruta, ainda não conseguiu recuperar seu potencial produtivo. Os parreirais da região têm sofrido com a seca e a ameaça de corte na irrigação contém os investimentos na

cultura. Na parcial de 2015 (de janeiro a novembro), os embarques foram de pouco mais de 33,8 mil toneladas, segundo a Secex, volume 21,6% superior ao do mesmo período de 2014, mas ainda devem fechar o ano abaixo das 43,1 mil toneladas enviadas em 2013. Em receita, o País arrecadou US\$ 71,1 milhões, aumento de 8,4% frente a 2014, mas ainda inferior aos US\$ 102,9 milhões de 2013. Quanto às importações, as apostas são de que fiquem abaixo das 33,7 mil toneladas adquiridas em 2014, pois há uma maior oferta nacional da fruta em relação à 2014, quando houve quebra de safra no Vale. Além disso, a valorização do dólar frente ao Real não estimula as aquisições externas.

Vendas de suco integral crescem em 2015

Apesar do elevado volume de chuvas que atingiram os parreirais de uva industrial na região Sul em janeiro e fevereiro, a produção da safra 2014/15 aumentou 16% frente à anterior, totalizando 702 milhões de quilos, segundo o Instituto Brasileiro do Vinho (Ibravin). A área cultivada se mantém em 37 mil

hectares e os compradores seguem a política de preço mínimo da Conab (R\$ 0,70/kg em 2015). Com relação à comercialização dos derivados da uva, de janeiro a outubro, dados do Ibravin mostram que o suco natural pronto para o consumo (integral e reconstituído) apresentou alta de 30,3% nas vendas frente ao mesmo período de 2014. Em contrapartida, a venda do suco 100% natural concentrado teve queda de 11,32% e a do néctar, da bebida de uva e do preparado líquido para refrescos caiu 6,46% na mesma comparação. Já os envios de vinhos brasileiros ao exterior, de janeiro a novembro, tiveram redução de 63% em receita - dólar - frente ao enviado no mesmo período de 2014 (Secex). As importações também retraíram, mas em menor proporção (8%). A previsão é de que a safra 2015/16 tenha início em janeiro/16, sendo que o setor já prevê redução da produtividade em relação à temporada anterior devido às fortes chuvas e granizo que atingiram o Sul do País entre setembro e outubro, ocasionando diminuição na taxa de fecundação das flores e danos físicos nas parreiras.

ESTATÍSTICA DE PRODUÇÃO - UVA*

*As estatísticas de produção divulgadas pelo Cepea não representam a área total cultivada em cada região. Os dados refletem a opinião dos principais agentes do setor e são consideradas as principais referências de mercado.

Região	Praças de Coleta	Variedade	Área plantada (ha)		
			2014	2015	Variação (%)
Petrolina (PE) e Juazeiro (BA)	Petrolina e Juazeiro	uva fina	11.700	11.700	0,0%
Pirapora (MG)	Pirapora, Várzea da Palma, Buritizeiro e Lassance	uva fina e niagara	140	140	0,0%
Jales (SP)	Jales, Palmeira D'Oeste, Urânia e São Francisco	uva fina e niagara	701	701	0,0%
Pilar do Sul (SP)	Pilar do Sul	uva fina	600	600	0,0%
São Miguel Arcanjo (SP)	São Miguel Arcanjo	uva fina e niagara	1.650	1.650	0,0%
Campinas (SP)	Louveira, Indaiatuba, Jundiá, Campinas, Itupeva, Elias Fausto, Vinhedo, Itatiba, Monte Mor, Valinhos e Jarinu	uva niagara	4.503	4.503	0,0%
Porto Feliz (SP)	Porto Feliz	uva niagara	700	700	0,0%
Paraná	Região de Maringá com 29 municípios, excluindo região de Marialva, Cornélio Procopio e Ivaiporã	uva fina e niagara	3.140	3.140	0,0%
Região de Maringá (PR)	Marialva	uva fina e niagara	1.000	800	-20,0%
Região de Cornélio Procopio (PR)	Uraí, Assaí e Bandeirantes	uva fina e niagara	600	600	0,0%
Região de Ivaiporã (PR)	Rosário do Ivaí	uva niagara	160	160	0,0%

Fonte: Agentes de mercado consultados pelo Cepea.

Na teoria,
a tecnologia
do futuro.
Na prática,
maior proteção
e qualidade hoje.



TUCARÉ COM São Paulo

A força da natureza a favor da qualidade.

Serenade é o fungicida e bactericida biológico da Bayer. Com formulação diferenciada, pronta para o uso e de fácil manejo, além de controlar efetivamente as doenças, Serenade ativa a defesa das plantas melhorando o desenvolvimento e a sanidade e produzindo frutas e hortaliças sem resíduos, com alta qualidade e mais saudáveis. Serenade possui carência zero, permitindo maior flexibilidade entre a aplicação e a colheita. Adicionar Serenade ao seu manejo é ter carência zero e qualidade máxima.

Serenade.
Eficiência sem carência.

ATENÇÃO

Leia atentamente e siga rigorosamente as instruções contidas no rótulo, na bula e receita. Utilize sempre os equipamentos de proteção individual. Nunca permita a utilização do produto por menores de idade.

**CONSULTE SEMPRE UM
ENGENHEIRO AGRÔNOMO.
VENDA SOB RECEITUÁRIO
AGRONÔMICO**



Faça o Manejo Integrado de Pragas.
Descarte corretamente as embalagens e restos de produtos.
Uso exclusivamente agrícola.



Bayer CropScience

Se é Bayer, é bom

Portfólio HF

Carregado de soluções para a cultura da batata.

87



0800 0192 500

facebook.com/BASF-AgroBrasil

www.agro.basf.com.br

Aplique somente as doses recomendadas. Descarte corretamente as embalagens e restos de produtos. Inclua outros métodos de controle dentro do programa do Manejo Integrado de Pragas (MIP) quando disponíveis e apropriados. Uso exclusivamente agrícola. Restrição no Paraná: Orkestra™ SC liberado somente para a cultura da soja. Registro MAPA: Cabrio® Top nº 01303, Cantus® nº 07503, Acrobat® MZ nº 02605, Forum® nº 01395, Polyram® DF nº 01603, Caramba® 90 nº 01601, Pirate® nº 05898, Nomolt® 150 nº 01393, Regent® 800 WG nº 05794, Tutor® nº 02908, Regent® Duo nº 12411, Heat® nº 01013 e Orkestra™ SC nº 08813.

ATENÇÃO Este produto é perigoso à saúde humana, animal e ao meio ambiente. Leia atentamente e siga rigorosamente as instruções contidas no rótulo, na bula e na receita. Utilize sempre os equipamentos de proteção individual. Nunca permita a utilização do produto por menores de idade.

CONSULTE SEMPRE UM
ENGENHEIRO AGRÔNOMO.
VENDA SOB RECEITUÁRIO
AGRONÔMICO.



Produtos que contribuem para aumentar a qualidade e produtividade da sua lavoura de batata.

Fungicidas
Orkestra™ SC*
Cabrio® Top*
Cantus®*
Forum®
Acrobat® MZ
Polyram® DF
Caramba® 90
Tutor®

Inseticidas
Regent® Duo
Regent® 800 WG
Pirate®
Nomolt® 150

Herbicida | Heat®

*Mais qualidade, produtividade e rentabilidade - Benefícios AgCelence®.

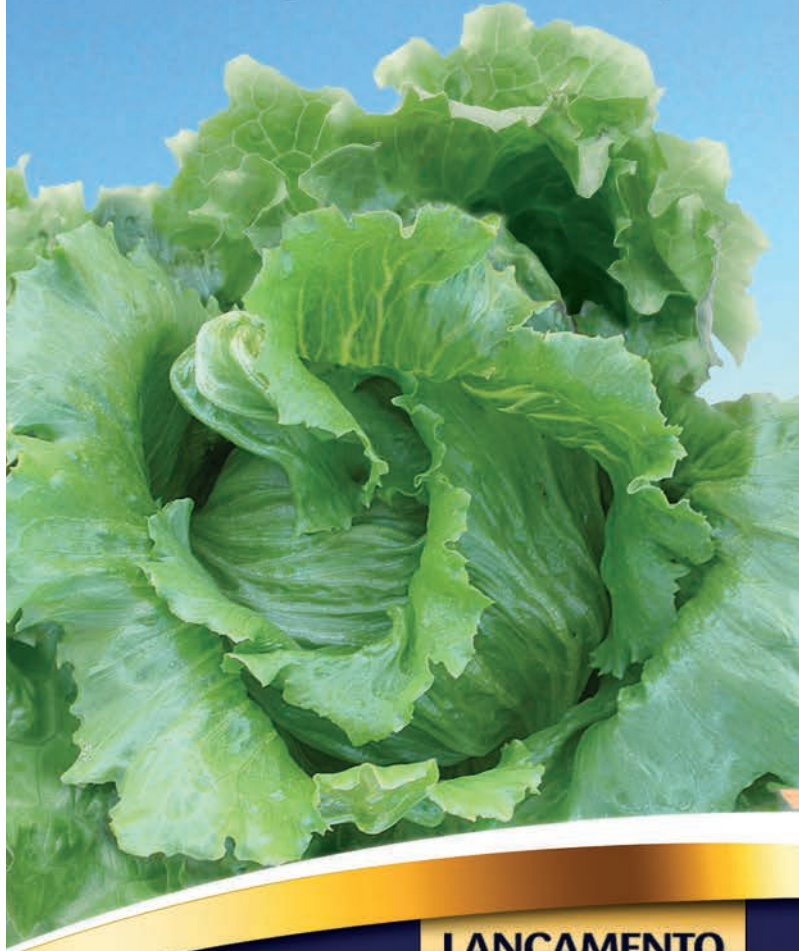
150 anos

BASF
We create chemistry

Linha de Alfaces

Topseed Premium.

Alta tecnologia em uma linha completa.



LANÇAMENTO

Alface americana

ASTRA

- Alta sanidade foliar
- Cabeça compacta
- Indicada para processamento e mercado fresco

TOPSEED
Premium
TECNOLOGIA EM SEMENTES

Mala Direta Postal

Básica

0000/2012 - DR/XXYY

Cliente

...CORREIOS...

IMPRESSO

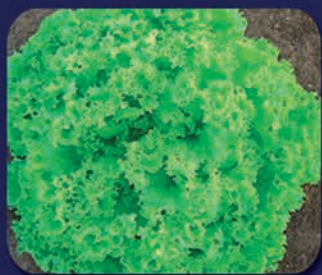
Uma publicação do CEPEA USP/ESALQ

Av. Centenário, 1080 CEP: 13416-000 Piracicaba (SP)

Tel: 19 3429.8808 - Fax: 19 3429.8829

e-mail: hfcepea@usp.br

CONHEÇA OUTRAS VARIEDADES



● Alface Crespa
Camila



● Alface Lisa
Regina 500

NOVA studio



● Alface Romana
Bonnie



● Alface Mimosa
Imperial



● Alface Mimosa
Imperial Roxa



● Alface Roxa
Red Star

TOPSEED
Premium
TECNOLOGIA EM SEMENTES

Tel.: 24 2222-9000

www.AGRISTAR.com.br



Muito mais que uma publicação, a **Hortifruti Brasil** é o resultado de pesquisas de mercado desenvolvidas pela Equipe Hortifruti do Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea), do Departamento de Economia, Administração e Sociologia da ESALQ/USP.

As informações são coletadas através do contato direto com aqueles que movimentam a hortifruticultura nacional: produtores, atacadistas, exportadores etc. Esses dados passam pelo criterioso exame de nossos pesquisadores, que elaboram as diversas análises da **Hortifruti Brasil**.

Uma publicação do CEPEA – ESALQ/USP
Av. Centenário, 1080 CEP: 13416-000 Piracicaba (SP)
tel: (19) 3429.8808 Fax: (19) 3429.8829
E-mail: hfcepea@usp.br
www.cepea.esalq.usp.br/hfbrasil